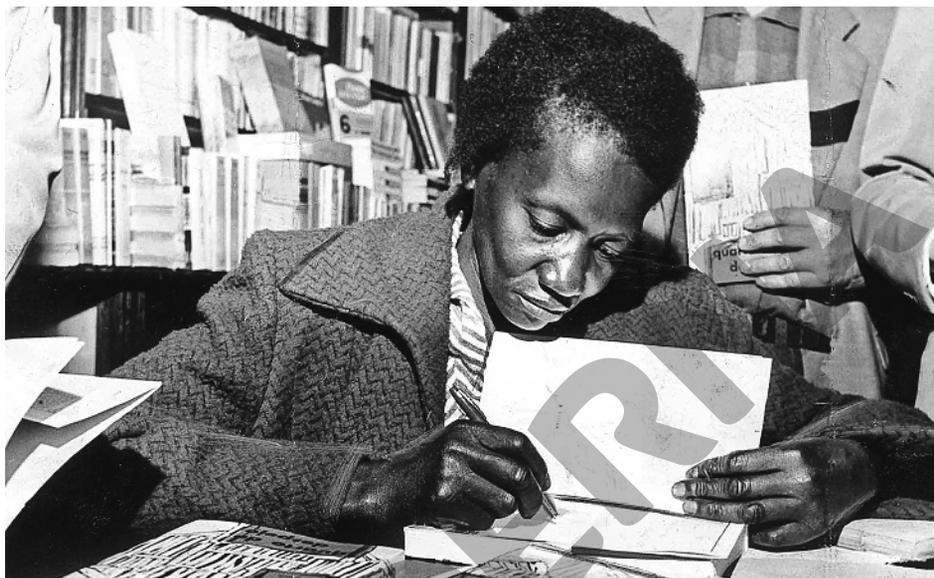




# Narrativa: ilustre desconhecido

Tempo estimado para a realização deste Projeto: 12 semanas.



ACERVO ULTIMA HORA/FOLHAPRESS

A escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977), nascida em Sacramento (MG), foi moradora da antiga favela do Canindé e do bairro de Parelheiros na cidade de São Paulo (SP) e trabalhou como empregada doméstica e catadora antes de ter seu trabalho reconhecido. Sua obra mais conhecida, *Quarto de despejo*, publicada em 1960, foi traduzida para 13 idiomas e difundida em mais de 40 países. A narrativa do ponto de vista de uma mulher negra favelada era inédita no meio literário brasileiro, predominantemente branco à época e ainda hoje. É possível dizer que, ao irromper nesse meio, Carolina de Jesus trouxe uma narrativa de quem era considerada um “outro” em oposição ao “nós” dos escritores já tradicionalmente aceitos no meio literário, abalando as estruturas desse espaço. Na imagem, Carolina de Jesus autografa *Quarto de despejo*, em 1960.

**Tema integrador:** Mediação de conflitos

**Objetivo:** Produzir uma narrativa de ficção (no formato de conto literário ou história em quadrinhos do tipo novela gráfica) que aborde a temática do “outro” e que discuta como conhecer o outro, como traçar caminhos para o diálogo e a cooperação e como respeitar as pessoas e o grupos em sua diversidade são uma importante chave para a resolução de conflitos.

**Justificativa:** Observar o mundo com base no ponto de vista de outro jovem, com as contradições e os desafios que ele vive em seu cotidiano.

**Questões desafiadoras:** Como é estar na pele de outra pessoa? Como poderia ser a sua vida, se não fosse como é?

**Professor-líder sugerido:** Filosofia

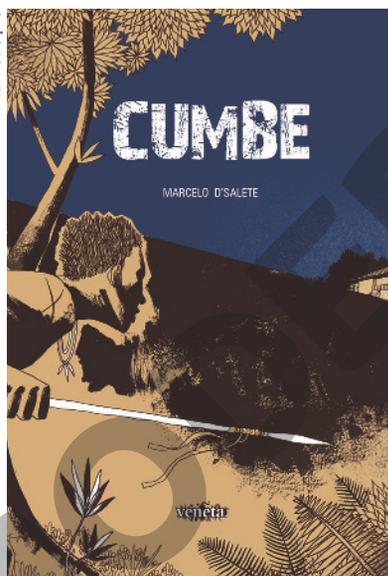
**Temas contemporâneos transversais:** Multiculturalismo; Cidadania e Civismo

As formas mais antigas de transmissão da história entre seres humanos são as narrativas contadas oralmente. Além de guardarem a história há milhares de anos, as narrativas também se tornaram modos de entretenimento, interação social e expressão cultural dos diversos povos ao longo do tempo. O cinema, o teatro, as séries de televisão e a ficção em geral são formas bastante correntes e conhecidas, no Brasil e no mundo de hoje, de compartilhar narrativas.

Na ficção, os escritores e roteiristas escrevem sobre fatos e histórias que não aconteceram, ou que não aconteceram exatamente daquela maneira. O compromisso com a imaginação é mais importante, nesse caso, do que o compromisso com a verdade dos fatos – e essa é parte da graça de ler ou assistir a uma narrativa de ficção. Uma ficção pode ser verossímil ou surrealista, pode se passar em um mundo que de fato existe (ou em uma projeção do nosso mundo, como é o caso das distopias e de algumas obras de ficção científica), ou pode acontecer em um mundo totalmente distinto (como no caso das ficções de fantasia).

Neste projeto, você vai criar uma narrativa de ficção em formato de conto literário ou história em quadrinhos do tipo novela gráfica. Para isso, deverá se inspirar numa incursão em uma realidade ao qual você não pertence e se colocar na pele de outro jovem. Você também vai refletir sobre como conhecer o “outro” é uma importante chave para a resolução de conflitos. Vai refletir sobre diferenças e diversidade, respeito e empatia, diálogo e cooperação, considerando diferentes caminhos e processos na resolução e mediação de conflitos na vida em sociedade. Vamos lá?

REPRODUÇÃO



© MARCELO D'SALETE

O livro *Cumbe* (São Paulo: Editora Veneta, 2014), do brasileiro Marcelo D'Saleta, foi vencedor do prêmio Eisner, um dos mais importantes prêmios de quadrinhos no mundo. A obra traz diferentes histórias protagonizadas por negros escravizados durante o período colonial no Brasil, evidenciando sua luta e resistência à dominação escravocrata. Ao trazer esse enfoque para as narrativas que apresenta, o autor faz uma crítica à narrativa dominante de que a organização e luta da população negra seriam recentes na história do Brasil.

## O que este projeto mobiliza?

### Competências Gerais da Educação Básica

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

## CONHECENDO O PROJETO

A ideia central deste projeto é experimentar e refletir sobre o mundo do ponto de vista de outro jovem, como base para a criação de uma narrativa de ficção que aborde a temática da mediação na resolução de conflitos entre diferentes partes, considerando o papel do diálogo, da cooperação, do respeito e da empatia. Para isso, você utilizará técnicas inspiradas no método etnográfico e realizará leituras e reflexões de apoio da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

## CONHECENDO O PRODUTO FINAL

Narrativa de ficção no formato de conto literário ou história em quadrinhos do tipo novela gráfica em que se discute a importância de conhecer o “outro” como uma relevante chave para a resolução de conflitos. Como vemos, há duas possibilidades para apresentar o produto final. O conto deve ser escrito individualmente; já a história em quadrinhos pode ser realizada em grupo, em duplas ou individualmente.

## MATERIAL

- Computador com internet e editor de texto (opcional);
- papel ou caderno (opcional);
- lápis ou caneta (opcional);
- folhas de papel sulfite (opcional).

Professor: As Competências Específicas da área de Linguagens e suas Tecnologias trabalhadas neste Projeto estão relacionadas no Manual do Professor – Orientações específicas.

## Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Competências Específicas e Habilidades trabalhadas neste projeto

| Competências  | Habilidades   |
|---|---|
| 1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. | (EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.   |
|   | (EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.  |
|   | (EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.  |
|   | (EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. |
| 5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.   | (EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.   |
|   | (EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.   |

| Competências   | Habilidades   |
|--|---|
| 6. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. | (EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país. |
|  | (EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).   |
|  | (EM13CHS604) Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, com vistas à elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando os aspectos positivos e negativos dessa atuação para as populações locais.   |

## ETAPAS

### ETAPA 1 – Eu e o outro: entre alteridades

Antes de começar a elaborar sua narrativa propriamente dita, as atividades das primeiras etapas deste projeto trazem ferramentas para imergir em seu tema central, proporcionando reflexões fundamentais para o seu desenvolvimento. A primeira delas é uma reflexão sobre as relações, diferenças e desigualdades entre “eu” e o “outro” e de que maneira podemos abordar uma cultura ou vivência diferente da nossa mediando conflitos e contradições.

### ETAPA 2 – Preparando o exercício etnográfico

Nessa etapa você deverá escolher quem é o “outro” que será inspiração para a construção de sua narrativa. Considerando essa escolha, você vai realizar a preparação para um exercício etnográfico. Esse exercício deve servir de base e inspiração para a criação de sua narrativa de ficção.

### ETAPA 3 – Exercício etnográfico: indo a campo

O exercício etnográfico deve, nessa etapa, ser realizado com o apoio de ferramentas clássicas da pesquisa na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, como o caderno de campo. Além de realizar o exercício, você também vai analisar seus principais resultados e apontamentos, fazendo uma seleção de elementos inspiradores para embasar o trabalho de criação da narrativa de ficção.

### ETAPA 4 – Alteridade e mediação de conflitos

Nessa etapa, você vai refletir um pouquinho mais sobre o tema da mediação e resolução de conflitos entre diferentes partes, considerando o papel do diálogo, da cooperação, do respeito e da empatia. Vai, também, realizar uma atividade de leitura de crônica para identificar e analisar ferramentas interessantes para a resolução de conflitos. Com tudo isso, você ficará mais preparado para planejar e elaborar sua narrativa de ficção a partir da próxima etapa.

### ETAPA 5 – Escolhendo a linguagem da narrativa: conto ou quadrinho

A proposta do projeto oferece duas possibilidades para trabalhar a narrativa de ficção (conto literário ou história em quadrinhos do tipo novela gráfica). Ambas podem ser complementares. Nessa etapa, você vai explorar um pouco cada uma delas, refletindo sobre o que têm em comum, e definir com qual dessas linguagens vai trabalhar.

### ETAPA 6 – Planejamento, execução e exibição da narrativa

Independentemente da linguagem que escolher, todos os trabalhos com a narrativa de ficção devem partir da seguinte tríade: 1. sinopse; 2. personagens; 3. roteiro. Nessa etapa você vai tomar decisões importantes e planejar a narrativa de ficção a ser criada. Por fim, você deve, com base nas reflexões realizadas e nas decisões tomadas ao longo das etapas anteriores, executar o seu projeto. Também fazem parte dessa etapa as diferentes formas possíveis para compartilhar o produto final com a sua comunidade.

### ETAPA 7 – Autoavaliação

A atividade de autoavaliação será realizada por você e deverá guiar suas reflexões sobre o processo de trabalho neste projeto e seu aprendizado.



## Eu e o outro: entre alteridades



SERGIO PEDREIRA/PULSAR IMAGENS

O candomblé é uma das religiões de matriz africana praticadas por brasileiras e brasileiros. Junto com a umbanda, também de matriz africana, somam a quarta religião mais popular do país – sem contar os frequentadores de outras religiões ou sem religião que eventualmente participam dos trabalhos em terreiros. As vestes, como em qualquer religião, têm um sentido simbólico e fazem parte tanto das práticas religiosas e do patrimônio cultural quanto do cotidiano dos praticantes. O branco é uma das cores utilizadas em terreiros. Na imagem, o Terreiro Ilê Axé Ala Obatalandê, em Lauro de Freitas (BA). Fotografia de 2014.



RENAN MARTELLI DA ROSA/SHUTTERSTOCK

Algumas mulheres católicas usam véus para cobrir as cabeças durante as preces. Na imagem, uma fiel católica reza um terço na Igreja de São João, no centro histórico de São Luís (MA). Fotografia de 2016.



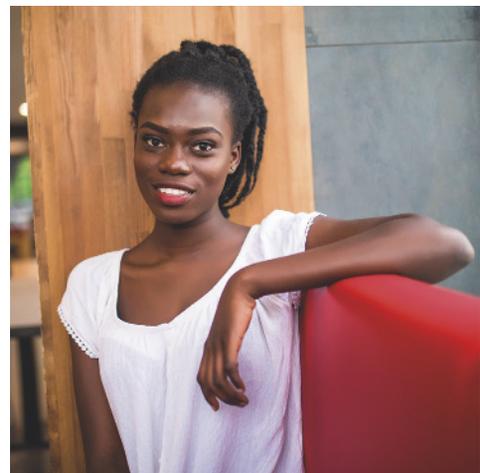
MUSA ALCANANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

As mulheres muçulmanas utilizam diferentes tipos de cobertura para a cabeça e/ou partes do corpo e vestimenta. Na imagem, uma mulher celebra o Eid Al Adha, um dos feriados mais importantes da religião muçulmana, na região de Tamale, em Gana. Ela utiliza como cobertura um dos tipos de *hijab*, comuns em certas regiões. Fotografia de 2019.



NELSON ALMEIDA/APP/GETTY IMAGES

As evangélicas também têm, em algumas congregações e igrejas, orientações bastante específicas sobre as vestimentas adequadas para sua crença religiosa. No Brasil, o crescimento da população evangélica também fez, por isso, com que crescesse o mercado de moda direcionada às mulheres que seguem essa religião. A imagem mostra uma consumidora observando a vitrine de uma loja de moda evangélica em São Paulo, 2012.



DAN GRYSKIU/ALAMY/FOTOARENA

Pela fotografia, você conseguiria saber se essa jovem tem religião, e qual seria? Nem sempre a religião está expressa nas vestes nos acessórios. Contudo, desde a forma de arrumar o cabelo até a roupa e o local em que a fotografia foi tirada expressam informações sobre a pessoa e sobre seu pertencimento cultural. O que você consegue afirmar sobre essa jovem a partir da imagem? Fotografia de 2018.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

## Diferenças, diversidade, respeito

Que diferenças enxergamos, no cotidiano, entre nós mesmos e as pessoas que nos cercam? De que maneiras aprendemos a reconhecer semelhanças? O que são empatia e alteridade e como construímos nossa própria identidade com base em marcas sociais, regionais ou culturais? Essas são algumas das questões que este projeto pretende abordar.

As imagens da página anterior mostram um dos tipos mais comuns de expressão cultural: as vestes tradicionais religiosas. Em muitos

contextos, não existe uma obrigação de que um praticante de certa religião se vista de certa forma ou use certas marcas, adereços ou objetos religiosos – apenas os sacerdotes e as sacerdotisas. Porém, é comum que as pessoas procurem voluntariamente se apropriar dessas vestimentas e acessórios como forma de expressão pessoal e de sua crença. A religião funciona, muitas vezes, como parte da identidade. Você tem alguma religião? Se sim, ela faz parte de sua identidade? Você tem vontade de expressar que pertence a esse sistema de crenças por meio de vestimentas e acessórios? Que outras marcas e expressões de identidade você é capaz de identificar em si e nos outros, para além das de caráter religioso?

### Alteridade e etnocentrismo

Pode-se dizer que cada uma das personagens da charge acima está considerando correta sua própria cultura, além de observar uma cultura diferente tendo a sua como centro. Esse tipo de postura chama-se etnocentrismo.

Contudo, ao falar em etnocentrismo, não estamos nos referindo apenas a uma atitude individual, mas a uma atitude que as pessoas aprendem a ter, em sociedade, ao adquirir e construir sua visão de mundo. Portanto, a questão é coletiva ou social, já que as pessoas são ensinadas a enxergar outras culturas com base na sua própria.

Mesmo que uma mudança individual seja indispensável para que diferentes culturas sejam tratadas de maneira igualitária, ela não é suficiente para resolver a questão e os problemas decorrentes do etnocentrismo. O conceito de etnocentrismo também está ligado diretamente a uma atitude e a uma visão de mundo de origem europeia e colonial em relação ao restante do mundo.

Na primeira metade do século XX, antropólogos estadunidenses como Franz Boas (1858-1942), Ruth Benedict (1887-1948) e Margaret Mead (1901-1978) elaboraram a ideia de relativismo cultural como uma oposição às concepções etnocêntricas. O relativismo cultural consiste em compreender uma cultura em si mesma, com base no princípio de **alteridade**, sem julgá-la a partir de outro ponto de vista.



Publicada no jornal *New Zealand Herald*, em 2011, essa charge do cartunista neozelandês Malcolm Evans (1945-) mostra um impasse frequente no encontro entre culturas. Cada uma das personagens observa a outra cultura a partir de seu ponto de vista.

A palavra "alteridade" vem do latim: *alteritas*, que significa "outro". Alteridade é a compreensão de que o "eu" só pode existir em relação a um "outro" e que cada "eu" é, em última instância, para um outro, também "outro". Disso deduz-se que agir segundo o princípio da alteridade implica empatia e a capacidade de se colocar no lugar do outro, procurando observar o que nos cerca considerando sua visão de mundo.



O *hijab* é um véu que cobre a cabeça, o pescoço, e às vezes, a parte superior dos ombros das mulheres. Na fotografia, uma jovem usando *hijab* em Kota Kinabalu, Malásia. Fotografia de 2018.

## O que é “conflito entre culturas”?

O que é cultura? Que elementos fazem parte dela? Muitas vezes, ao falar em cultura, o que vem à cabeça são músicas, livros, obras de arte... Seriam esses os elementos que formam o que é chamado de cultura? O que significa falar em “choque entre culturas” ou “conflito entre culturas”?

Essas são algumas questões preliminares que servem à nossa reflexão sobre o “eu” e o “outro”, que formam a base deste projeto. Agora, você e seus colegas vão refletir sobre os textos a seguir e sobre a charge discutida anteriormente. Em seguida, leiam as questões propostas e retornem aos textos e à charge (localizada na página anterior) para respondê-las.

### Texto 1

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seus casos extremos pela ocorrência de numerosos conflitos sociais.

O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. As autodenominações de diferentes grupos refletem este ponto de vista. Os Cheyene, índios das planícies norte-americanas, se autodenominavam “os entes humanos”; os Akuáwa, grupo Tupi do Sul do Pará, consideram-se “os homens”; os esquimós também se denominam “os homens”; da mesma forma que os Navajo se intitulavam “o povo”. Os australianos chamavam as roupas de “peles de fantasmas”, pois não acreditavam que os ingleses fossem parte da humanidade; e os nossos Xavante acreditam que o seu território tribal está situado bem no centro do mundo. É comum assim a crença no povo eleito, predestinado por seres sobrenaturais para ser superior aos demais. Tais crenças contêm o germe do racismo, da intolerância, e, frequentemente, são utilizadas para justificar a violência praticada contra os outros.

A dicotomia “nós e os outros” expressa em níveis diferentes essa tendência. Dentro de uma mesma sociedade, a divisão ocorre sob a forma de parentes e não parentes. Os primeiros são melhores por definição e recebem um tratamento diferenciado. A projeção desta dicotomia para o plano extragrupal resulta nas manifestações nacionalistas ou formas mais extremadas de xenofobia.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989. p. 116.

O *niqab* é uma peça de vestuário feminina que, além de cobrir os ombros, o pescoço e a cabeça, cobre o rosto, deixando apenas os olhos de fora. Na imagem, uma mulher usando *niqab* faz uma pausa em um dia de compras na Oxford Street, em Londres, Reino Unido. Fotografia de 2019.



## Texto 2

[...] tinha um certo estereótipo montado na minha cabeça sobre este país [a Arábia Saudita], que deve ser o que a maioria dos brasileiros pensam também, como: muita areia, camelos, mulheres de burka, pessoas quietas e sérias, etc. Acho que não preciso nem dizer que tudo isso foi por água abaixo [...].

[...] existem muitos estrangeiros na Arábia Saudita (mais que no Brasil). O pessoal do Canadá e dos Estados Unidos tem muitos negócios com os árabes, principalmente no que diz respeito ao petróleo. Existem também muitos filipinos, árabes de outros países, paquistaneses, africanos de diversos países e indianos. [...]

Quando [...] cheguei lá, fiquei impressionada que muitas mulheres não usam o *niqab* (uma peça que cobre o rosto). Na minha cabeça, todo mundo usava o *niqab* e fim de conversa. [...] Tem mulheres que nem o *hijab* (véu que cobre a cabeça) usam. Eu achava que era uma espécie de lei, mas não é. [...]

Uma coisa é legal de frisar, os muçulmanos, em geral, não esperam que os não muçulmanos sigam as crenças e costumes islâmicos [...]. O que acontece na Arábia Saudita, sendo um país de maioria muçulmana, [é que] quem não é muçulmano acaba seguindo algumas normas sociais (mas não a crença em si) tais como: feriados islâmicos (são todos diferentes dos cristãos), o comércio fecha durante as 5 orações diárias (mas quem não é muçulmano não precisa rezar, óbvio), não pode vender carne de porco, o fim de semana é na sexta e no sábado (e não no sábado e domingo), etc. Mas isso acontece no Brasil também, mas só que em relação ao catolicismo. [...]

A Arábia Saudita é o único país em que a mulher não pode dirigir, mas eu acredito que isso irá mudar nos próximos 5 anos, senão antes. Antes que você pense “nossa! Esses muçulmanos não deixam as mulheres dirigir”, vou explicar que isso é uma coisa cultural, não tem base religiosa nenhuma (ao contrário, as esposas do profeta sempre “dirigiram” seus camelos, que era o meio de transporte da época). É bom lembrar que o Islam é uma religião, enquanto certos costumes praticados por muçulmanos são parte da cultura do seu país/região. Por exemplo, eu sou brasileira, amo comida brasileira, sou gaúcha e tomo meu chimarrão. Essas coisas não fazem parte do Islam enquanto religião. São tradições. No Islam você pode manter suas tradições desde que não sejam proibidas, como, por exemplo, bebida alcoólica. E mesmo as proibidas, ainda tem muçulmanos que preferem as tradições ao invés da religião [...].

ISLAM, Gabi. Viagem Arábia Saudita I. *Diário de uma muçulmana brasileira*, 10 abr. 2015. Disponível em: <<https://muculmanaembrasil.wordpress.com/2015/04/10/viagem-arabia-saudita-i/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.



A burca cobre completamente o corpo das mulheres, inclusive os olhos. Na imagem, uma mulher de burca espera a descida de passageiros de um navio que trazia imigrantes ao porto de Palermo, região da Sicília, no sul da Itália. Fotografia de 2017.

1. Sob orientação do professor, reúna-se em grupo. Você e seus colegas consideram que o conflito ilustrado pela charge (localizada na página 117) pode ser considerado um conflito entre culturas? Por quê? E no caso dos exemplos contidos no Texto 2?
2. Vocês concordam com a maneira como as personagens da charge estão observando a cultura uma da outra? O que pode ser dito sobre essa postura?
3. De que maneira o choque cultural fez com que a autora do Texto 2 relativizasse sua visão sobre a própria cultura? É possível dizer que havia etnocentrismo da parte da autora antes de sua viagem?
4. Agora, individualmente, responda: você já pensou de forma parecida com a da charge ou com a da autora do Texto 2 ao se deparar com um hábito que lhe pareceu estranho, com uma cultura diferente da sua? Relate o que aconteceu.
5. Ainda individualmente, faça uma breve pesquisa sobre o termo “etnocentrismo”, utilizando um dicionário, uma enciclopédia ou fontes confiáveis da internet (peça ajuda ao seu professor, se for o caso). Compare seus resultados com as ideias presentes no Texto 1, de autoria de Roque de Barros Laraia.
6. Como o etnocentrismo é caracterizado no Texto 1?
7. Que relação a autora do Texto 2 identifica entre “cultura” e “religião” ao mencionar que as mulheres não podem dirigir na Arábia Saudita?
8. Com base nos Textos 1 e 2, procure refletir: na prática, a divisão entre “Ocidente” e “Oriente”, mostrada de maneira simplificada na charge, parece fazer sentido? Existe apenas uma cultura “ocidental” e uma cultura “muçulmana”? Compare suas respostas com as de seus colegas e, juntos, procurem entender se, em alguma medida, essas ideias refletem etnocentrismo.

## Conflito entre culturas, conflito entre povos, conflito entre Estados

Como estamos vendo, o problema na questão dos conflitos entre culturas é amplo, coletivo e social. E essa questão não está dissociada de relações políticas entre diferentes Estados.

Ao longo dos séculos XX e XXI, um conflito territorial, cultural e histórico foi produzido, resultando em uma guerra prolongada, envolvendo também interesses econômicos e políticos: estamos falando, aqui, sobre o conflito entre o Estado de Israel e a população palestina. Em 1947, logo após o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu a criação do Estado de Israel, ocupando uma área de 14 mil km<sup>2</sup> do então território da Palestina que, à época, era uma concessão britânica. No projeto inicial de divisão do território, outra área, de cerca de 11,5 mil km<sup>2</sup>, seria reservada para a criação do Estado Palestino – isso, porém, nunca aconteceu.

Na época houve protestos por parte da Palestina e muitas críticas vindas dos países da Liga Árabe (Egito, Líbano, Síria, Transjordânia e Iraque), que observavam que a criação do Estado de Israel resultaria em perdas graves de territórios para a população palestina. Ainda assim, o Estado de Israel foi criado em 1948.

A tentativa de impor uma política de colonização no território palestino deu origem à primeira guerra na região. Em fevereiro de 1949, a ONU, como mediadora do conflito, impôs um armistício. Isso, contudo, não foi suficiente para diminuir a tensão nem para impedir que novos conflitos surgissem ao longo do tempo, conforme a colonização do Estado de Israel se expandiu, muitas vezes ferindo a autonomia palestina.

Hoje há muitos desafios para se chegar a uma solução diplomática em relação a esse conflito. A ideia de criar um Estado Palestino, por exemplo, nunca foi colocada em prática, e vem sendo exigida por movimentos que apoiam a Palestina. Impasses, guerras e a resistência em negociar uma solução pacífica têm feito com que a região permaneça como uma área de conflito permanente.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

ANDY SANTANA/FUTURA PRESS



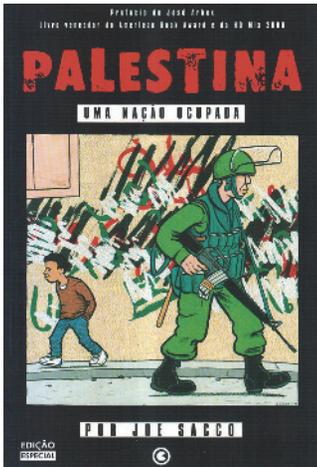
A cantora brasileira Linn da Quebrada (1990-) cancelou shows em Israel e exibição de seu documentário em festival no país após receber um pedido da campanha Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS), por meio da autora estadunidense Angela Davis. BDS é uma campanha que começou em 2001, após um encontro de organizações não-governamentais durante conferência das Nações Unidas, em Durban, África do Sul, contra o racismo e a xenofobia. A campanha pressiona autoridades, empresas, artistas e outros agentes sociais a cortarem relações com o Estado de Israel até que esse cesse a colonização em território palestino. Na fotografia, Linn da Quebrada canta em um show em São Paulo (SP), em 2018.

Não escreva no livro.

## ATIVIDADE MEDIAÇÃO DE CONFLITOS: ACORDOS DE OSLO

Uma solução pacífica para o conflito entre Israel e Palestina foi quase alcançada na década de 1990, com os Acordos de Oslo. Esses acordos previam, entre outros pontos, a retirada das forças armadas israelenses da Faixa de Gaza e da Cisjordânia, o direito dos palestinos ao autogoverno nas zonas governadas pela Autoridade Palestina e a partilha da administração da cidade de Jerusalém entre israelenses e palestinos. Organizados em duplas, façam uma pesquisa em livros e na internet para descobrir:

- Quais eram as duas partes que assinaram os acordos?
- Quem agiu como mediador dos acordos?
- Quais foram as consequências desses acordos e de que maneira influenciaram o conflito entre israelenses e palestinos?



A reportagem em quadrinhos *Palestina: uma nação ocupada* (São Paulo: Conrad, 2000) traz o ponto de vista do jornalista maltês Joe Sacco sobre a região e os conflitos. Ao escolher a abordagem de seu relato, o autor também se posiciona sobre a questão, trazendo a público a narrativa das famílias palestinas, que em geral não é divulgada pelos meios de comunicação de massas.

## Conflitos nas histórias em quadrinhos

O jornalista Joe Sacco, nascido em Malta e que atualmente reside nos Estados Unidos, é autor de obras importantes do chamado “jornalismo em quadrinhos”. Especialista em cobrir áreas de conflito, Sacco resolveu unir seus talentos (como jornalista e como desenhista) e publicou, ao longo da década de 1990 e da primeira década dos anos 2000, importantes obras em que procura refletir sobre a ocupação israelense da Palestina. Conheça duas obras do autor, no formato de histórias em quadrinhos do tipo novela gráfica:

**Notas sobre Gaza:** o livro aborda o massacre de centenas de palestinos ocorrido em 1956, na Faixa de Gaza, pequeno território situado no sudoeste de Israel. Lá se refugiaram centenas de milhares de palestinos que foram expulsos de suas terras quando o estado de Israel foi criado, em 1948. Sacco viajou à região em 2002 [...]. Ele não relata o conflito de maneira distante, mas, sim, ouve civis, pessoas comuns, e traz à tona suas histórias de dor e opressão.

**Palestina, uma nação ocupada:** antes de *Notas sobre Gaza*, Joe Sacco já havia abordado o conflito Israel-Palestina neste livro. Sacco viajou entre 1991 e 1992 ao Oriente Médio e coletou histórias nas ruas, nos hospitais, em escolas e campos de refugiados. Tanto palestinos quanto judeus ganham voz em seus desenhos, não só contando histórias dos conflitos presentes como fazendo um resgate da memória que se ameaça apagar.

QUATRO HQs de Joe Sacco para você conhecer. *Guia do Estudante*, 27 set. 2017. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/quatro-hqs-de-joe-sacco-para-voce-conhecer/>>. Acesso em: 22 nov. 2019.



O jornalista e cartunista Joe Sacco publicou diversos romances gráficos sobre sua experiência na Palestina. As páginas acima pertencem à obra *Palestina: uma nação ocupada*.

## Uso político de conflitos culturais

Como em todo contexto de guerra, as diferenças culturais são instrumentalizadas por grupos políticos como forma de acirrar e até mesmo de promover conflitos. O caso da Palestina e do Estado de Israel é apenas um entre muitos exemplos possíveis, como as políticas de propaganda ideológica de que foram vítimas milhões de judeus na Alemanha e nos territórios por ela ocupados durante o período do nazismo e o caso do genocídio da população Tútisi em Ruanda, na África, em 1994, entre outros.

Para além das guerras, em tempos de suposta paz, também há registros do uso político de conflitos culturais como forma de justificar políticas de extermínio ou perseguição que beneficiam econômica ou politicamente os grupos que as promovem. Recentemente, no Brasil, alguns pesquisadores têm demonstrado de que maneira o exacerbamento de preconceitos contra a população indígena beneficia grupos que disputam o direito de tomar grandes pedaços de terra das reservas.

Nesse contexto, refletir sobre a relação entre nós e aqueles que consideramos “outros”, bem como sobre a diversidade cultural no contexto brasileiro, pode ser uma chave para o enfrentamento de conflitos concretos do cotidiano. As próximas atividades e etapas deste projeto oferecem ferramentas para que você elabore essa reflexão.

## Eu, um outro: voltando às diferenças culturais

Vamos retomar, agora, as discussões sobre as diferenças culturais, que devem, predominantemente, guiar sua produção neste projeto.

Parte do processo de compreender as diferenças culturais por meio de uma postura de alteridade é justamente observar sua própria cultura de maneira estranhada, analisando sua visão de mundo, modo de vida etc. sem tomar nada como óbvio ou natural.

O texto a seguir descreve os hábitos de uma cultura particular. Faça uma primeira leitura do texto e siga as reflexões e atividades propostas em seguida.

### Ritos corporais entre os Nacirema

O antropólogo está tão familiarizado com a diversidade da forma de comportamento que diferentes povos apresentam em situações semelhantes, que é incapaz de surpreender-se mesmo em face de costumes mais exóticos. De fato, se nem todas as combinações logicamente possíveis de comportamento foram ainda descobertas, o antropólogo bem pode conjecturar que elas devam existir em alguma tribo ainda não descrita. Deste ponto de vista, as crenças e práticas mágicas dos Nacirema apresentam aspectos tão inusitados que parece apropriado descrevê-los como um exemplo dos extremos a que pode chegar o comportamento humano.

Foi o professor Linton, em 1936, o primeiro a chamar a atenção dos antropólogos para o ritual dos Nacirema, mas a cultura desse povo permanece insuficientemente compreendida ainda hoje. Trata-se de um grupo norte-americano, que vive no território entre os Cree do Canadá, os Yaqui e Tarahumare do México e os Caribe e Arawak das Antilhas. Pouco se sabe sobre sua origem, embora a tradição relate que vieram do leste. [...].



*Muchacha ante un espejo* (Garota em frente a um espelho), de Pablo Picasso, 1932. Óleo sobre tela, 162 cm × 130 cm. Este quadro pode ser uma boa ilustração para o estranhamento da própria cultura e de si mesmo.

JOSEPH MARTIN/ALBUM/FOTORENA © SUCCESSION PABLO PICASSO/AUTVIS. BRASIL, 2019 - MUSEU DE ARTE MODERNA DE NOVA YORK (MOMA)

A cultura Nacirema caracteriza-se por uma economia de mercado altamente desenvolvida, que evoluiu em um rico habitat natural. Apesar do povo dedicar muito de seu tempo às atividades econômicas, uma grande parte dos frutos deste trabalho e uma considerável porção do dia são dispensados em atividades rituais. O foco destas atividades é o corpo humano, cuja aparência e saúde surge com o interesse dominante no *ethos* deste povo. Embora tal tipo de interesse não seja, por certo, raro, seus aspectos cerimoniais e a filosofia a ela associada são singulares.

A crença fundamental subjacente a todo sistema parece ser a de que o corpo humano é repugnante e que sua tendência natural é para a debilidade e a doença. Encarcerado em tal corpo, a única esperança do homem é desviar estas características através do uso das poderosas influências do ritual e do cerimonial. Cada moradia tem um ou mais santuários devotados a este propósito. Os indivíduos mais poderosos desta sociedade têm muitos santuários em suas casas e, de fato, a alusão à opulência de uma casa, muito frequentemente, é feita em termos do número de tais centros rituais que possua. [...]

Embora cada família tenha pelo menos um de tais santuários, os rituais a eles associados não são cerimônias familiares, mas sim cerimônias privadas e secretas. Os ritos, normalmente, são discutidos apenas com as crianças e, neste caso, somente durante o período em que estão sendo iniciadas em seus mistérios. Eu pude, contudo, estabelecer contato suficiente com os nativos para examinar estes santuários e obter descrições rituais.

[...] O ritual do corpo executado diariamente por cada Nacirema inclui um rito bucal. Apesar de serem tão escrupulosos no cuidado bucal, este rito envolve uma prática que choca o estrangeiro não iniciado, que só pode considerá-lo como revoltante. Foi-me relatado que o ritual consiste na inserção de um pequeno feixe de cerdas de porco na boca, juntamente com certos pós mágicos, e em movimentá-lo então numa série de gestos altamente formalizados.

[...]

[...] a maioria da população demonstra tendências masoquistas bem definidas. Foi a estas tendências que o Prof. Linton se referiu na discussão de uma parte específica do rito corporal que é desempenhada apenas por homens. Esta parte do rito envolve raspar e lacerar a superfície da face com um instrumento afiado. Ritos especificamente femininos têm lugar apenas quatro vezes durante cada mês lunar, mas o que lhes falta em frequência é compensado em barbaridade. Como parte destas cerimônias, as mulheres usam suas cabeças em pequenos fornos por cerca de uma hora. O aspecto teoricamente interessante é que um povo que parece ser preponderantemente masoquista tenha desenvolvido especialistas sádicos.

[...]

Nossa análise da vida ritual dos Nacirema certamente demonstrou ser esse povo dominado pela crença na magia. É difícil compreender como tal povo conseguiu sobreviver por tão longo tempo sob a carga que impôs a si mesmo.

MINER, Horace. In: ROMEY, A. K.; DE VORE, P. L. (Org.). *You and others: readings in introductory anthropology*. Tradução: Erlich. Cambridge: Winsthrop Publishers, 1973. p. 72-76.

## ATIVIDADES

## EU, UM OUTRO

Não escreva no livro.

1. Identifique, no texto, práticas semelhantes às suas práticas cotidianas ou práticas comuns de sua cultura.
2. Ao brincar com a própria cultura – Nacirema, lido ao contrário, é “American”, ou seja, americano – o autor realiza um exercício lúdico interessante de desnaturalizar sua própria visão de mundo, estranhando-a. Escolha um aspecto de seu cotidiano e faça o mesmo, redigindo uma página como se fosse um viajante de outro planeta descrevendo seus hábitos. Troque o texto com seus colegas de sala. Você consegue adivinhar de quais práticas seus colegas estão falando? Eles conseguem adivinhar de quais práticas você está falando?

## Cultura brasileira, no plural

No Brasil, muitas vezes em um mesmo estado, cidade ou até em um mesmo bairro, são encontradas variações culturais extremamente amplas. Você já percebeu, por exemplo, que em alguns estados um alimento muito consumido chama-se “biscoito”, enquanto em outros lugares chama-se “bolacha”? Você sabia que, circulando em bairros diferentes de diversas cidades, pode-se observar grande variação em relação, por exemplo, às roupas e aos cortes de cabelo das pessoas? São justamente essas variações que devem ser incluídas na noção de diversidade cultural.

Seria possível definir uma cultura “puramente” brasileira? A atividade a seguir vai contribuir para que você reflita sobre essas questões, localizando práticas de seu cotidiano no contexto da diversidade cultural brasileira. Além disso, você produzirá um esquema que traduza essa reflexão e que servirá como base para o trabalho de criação da sua narrativa de ficção neste projeto.



© JOAQUÍN S. LAVADO TELÓN (QUINO), POTENTES PREPOTENTES E IMPOTENTES/FOTORENA

A charge do cartunista argentino Quino expressa uma contradição – que contradição é essa? Ela também existe em seu cotidiano? A charge, um dos tipos de linguagem dos quadrinhos, é frequentemente usada para causar esse tipo de estranhamento sobre nossa própria cultura e época, ao exagerar certos aspectos da realidade que o autor observa em seu entorno. QUINO. *Potentes prepotentes e impotentes*. Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 1989.

## ATIVIDADES

## CULTURAS, NO PLURAL

Não escreva no livro.

1. Organizados em duplas, procurem refletir sobre a origem cultural das práticas representadas nas imagens da página seguinte: de onde vêm essas práticas? Após essa reflexão inicial, utilizando recursos de pesquisa (enciclopédias, sites na internet etc.), procurem identificar nas imagens:
  - práticas tipicamente brasileiras;
  - práticas originalmente brasileiras;
  - práticas tipicamente estrangeiras;
  - práticas originalmente estrangeiras.
2. Em seguida, sob orientação do professor, realize um pequeno debate com seus colegas, discutindo as questões a seguir e tomando nota por meio de palavras-chave:
  - a) Você poderia dizer que essas imagens são representativas (ou típicas) da cultura brasileira, mesmo contendo elementos que não são originalmente brasileiros? Por quê?
  - b) As pessoas mais ligadas a cada uma das imagens são as mesmas ou são grupos diferentes que vivenciam cada uma dessas práticas?
  - c) Caso sejam grupos diferentes, eles ainda poderiam ser considerados membros da mesma cultura, de alguma forma? Por quê?

Crianças da etnia Ikpeng jogam futebol, no Parque Indígena do Xingu (MT), em 2010. Que práticas originalmente brasileiras você identifica na imagem? Que práticas vieram de outros países, mas se tornaram típicas ou comuns no Brasil?



CHRISTIAN KNEPPER/OPÇÃO BRASIL IMAGENS

FABIO CAFFÉ/TYBA



O altar doméstico no Morro da Providência, Rio de Janeiro (RJ), retratado na fotografia de 2012, apresenta símbolos ligados a diversas tradições religiosas. O sincretismo religioso é um fenômeno bastante comum no Brasil. No entanto, as tradições representadas na imagem nem sempre têm sua origem na cultura brasileira, embora tenham se tornado parte dela.

Essas imagens podem ser usadas como referências futuras para a construção da narrativa de ficção, representando algo que será descrito no conto literário ou elementos estéticos que serão reproduzidos ou ainda que servirão de inspiração para a criação da história em quadrinhos do tipo novela gráfica.

3. Novamente em duplas, façam um esquema conectando as principais ideias e palavras-chave levantadas durante o debate. Busquem **imagens** prontas (impressas da internet, recortadas de revistas ou desenhadas) que ilustrem o esquema.

4. Agora, individualmente, observando o esquema elaborado, faça uma pesquisa, valendo-se dos recursos disponíveis em sua escola, sobre as práticas representadas nas imagens observadas anteriormente (nesta atividade) e nas imagens que você e seu colega escolheram para ilustrar seu esquema (no item anterior). Para isso, siga os passos:

- Pense em uma semana típica do seu cotidiano e do cotidiano de sua família, amigos e outros grupos de sua convivência (igreja, colegas de fora da escola, grupos de atividade física etc.). Sua pesquisa deve elucidar as origens culturais da(s) prática(s) escolhida(s) e os contornos de sua atual disseminação e apropriação no Brasil.
- Anote as informações que colheu no caderno e discuta sua análise com os colegas, procurando identificar que grupos de convivência vivenciam as práticas destacadas. Complemente o esquema com essas informações.

5. Por fim, inclua no esquema a palavra “EU”, localizando quantas vezes for necessário a sua própria vida e seu pertencimento a certos grupos e práticas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

# Preparando o exercício etnográfico

## Método etnográfico

Distanciar-se de sua própria cultura e relativizá-la não é uma tarefa simples, como você pôde perceber na etapa anterior. Tampouco é fácil se desvencilhar da própria visão de mundo para compreender a do outro. Desde o final do século XIX, antropólogos procuraram diferentes maneiras de realizar essa tarefa. Após milênios de encontros e trocas entre culturas humanas, o método etnográfico foi elaborado com o objetivo de auxiliar esse tipo de processo.

Nesta etapa do projeto, você iniciará sua incursão etnográfica, necessária para realizar um exercício de campo na etapa posterior (Etapa 3). Vamos lá?

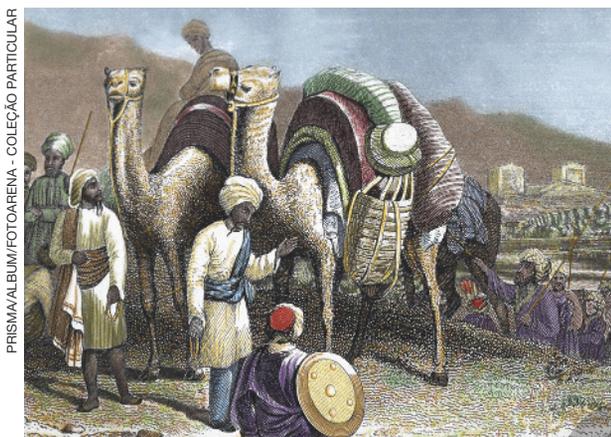
### Multiculturalismo

Assim como é possível reconhecer a existência da diversidade cultural, ou seja, que há de fato diferentes culturas no mundo, também é possível identificar as influências de uma cultura sobre outra(s). O termo “multiculturalismo” é utilizado para falar de espaços onde convivem tanto variações de uma mesma cultura quanto de diferentes culturas que se influenciam mutuamente. Nesse sentido, pode-se dizer que a cultura brasileira é diversa e multifacetada.

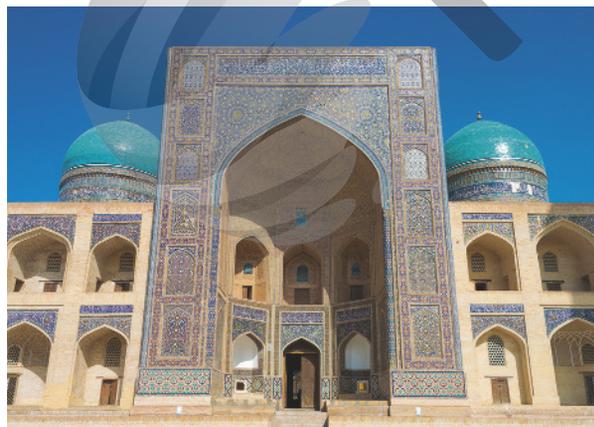
Contudo, como identificar, compreender e comparar as variações culturais de maneira não etnocêntrica, ao realizar um mapeamento da diversidade e do multiculturalismo de um espaço como a sua casa ou o seu bairro, sua cidade, ou mesmo da sociedade brasileira?

### Encontros e conflitos entre culturas

Encontros, choques e conflitos entre povos de diferentes culturas têm sido relatados há milhares de anos por diferentes tradições orais e escritas. Muito antes das chamadas Grandes Navegações, que ao longo dos séculos XV e XVI intensificaram a exploração europeia nos territórios que hoje chamamos de África, Ásia e América, esses intercâmbios já aconteciam. A rota comercial da seda, que incluía países como Índia, China, Coreia e Japão, por exemplo, foi um importante mecanismo de intercâmbio cultural na Antiguidade. Um dos desdobramentos mais conhecidos das trocas entre culturas nesse período foi a expansão do budismo – originário da Índia – na China e no Japão, em torno do século II a.C.



Caravana de camelos realizam uma parada em Antioquia, gravura do século XIX. Esta gravura colorida ilustra o imaginário sobre um momento de pausa na Rota da Seda. As expedições comerciais historicamente permitiram um grande acúmulo de conhecimentos e relatos sobre encontros culturais dos mais diversos tipos.



A cidade de Bukhara, no Uzbequistão, tem mais de 2000 anos de idade. Situada na Rota da Seda, foi um importante ponto de troca cultural e comercial entre diferentes povos. Hoje tem monumentos históricos preservados e seu centro histórico é considerado patrimônio mundial da humanidade pela UNESCO. Na imagem vemos a madraça Miri Arab que integra o complexo Po-i-Kalyan, construída entre 1534 e 1539.

## Rota da Seda e intercâmbio cultural

Segundo estudiosos, a chamada Rota da Seda correspondia a uma série de rotas comerciais que ligavam a região da Ásia chamada na época de “Extremo Oriente” à Europa Ocidental. A maior parte dessas rotas já existia por volta do século II a.C. Os produtos eram transportados por caravanas e também por embarcações oceânicas em diversos trechos. Entre os principais produtos que circulavam pela Rota da Seda estava a própria seda, bem como algodão, especiarias, pedras preciosas e marfim.

O chamado Extremo Oriente é uma sub-região da Ásia (compreende, de forma geral, o leste do continente asiático). Na atualidade, dizemos que essa região compreende áreas dos seguintes países: China (contudo, as províncias autônomas de Tibete, Qinghai e Xinjiang são parte da Ásia Central), Coreia do Norte, Coreia do Sul, Japão e Taiwan.

### A Rota da Seda do século XXI

Trocas comerciais e culturais entre povos diferentes, durante séculos, marcaram as relações sociais, culturais e econômicas na Rota da Seda. E hoje? Será que esse intercâmbio tão antigo se mantém na região? De que maneira os governos dos diferentes países da tradicional Rota da Seda pensam esse intercâmbio milenar?

Hoje a China é a segunda maior economia do mundo, somente atrás dos Estados Unidos, e também desponta como potência mundial com grande peso geopolítico. Para ampliar seus investimentos nos cinco continentes e também a sua área de influência, a China lançou, em 2013, o programa *Belt and Road Initiative* (Iniciativa do Cinturão e Rota), ou, mais popularmente, a Nova Rota da Seda chinesa, que prevê uma série de investimentos, sobretudo nas áreas de transporte e infraestrutura. Esses investimentos se concentrarão em obras terrestres (Cinturão), conectando a Europa, o Oriente Médio, a Ásia e a África. Dessa forma, serão criados corredores transcontinentais que facilitarão o transporte e o escoamento das mercadorias.

A Nova Rota da Seda foi pensada pelos chineses como uma série de acordos bilaterais, segundo eles, com mais de 60 países que estariam interessados em integrar a Nova Rota da Seda.



Fonte: SANJUAN, Thierry. *Atlas de la Chine*. 4. ed. Paris: Autrement, 2018. p. 88.

## No continente americano

Muitos desses percursos e processos envolvendo encontros, choques e conflitos entre povos de diferentes culturas foram documentados em diários, cartas e relatos de viajantes e exploradores. Os **relatos** mais comuns e de fácil acesso no país em que vivemos, dada a própria história política e cultural brasileira, foram escritos por europeus.

Ainda no contexto da chegada de europeus ao continente americano, entre os séculos XV e XVI, diversos viajantes, em seus relatos, discorreram sobre muitos dos povos originários da América, como as civilizações Inca (que habitava áreas do atual Peru), Maia (que vivia em áreas dos atuais Honduras, Guatemala, El Salvador e na região central do atual México) e Asteca (que habitava predominantemente o território onde hoje fica o México), além de uma enorme pluralidade de etnias Tupi e Guarani, aqui no Brasil.

### Diversidade entre povos americanos

No trecho a seguir, há um exemplo interessante de diferenças culturais entre europeus e povos originários do continente americano no que se refere ao papel das mulheres nessas sociedades.

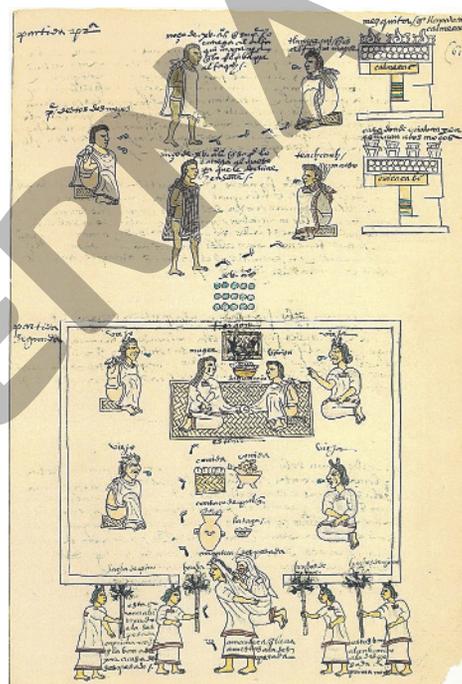
Quando os espanhóis chegaram aos domínios do Tahuantinsuyo, por volta de 1532, se depararam com mulheres cujos papéis e funções não se encaixavam nos padrões cristãos/europeus, prescritos e naturalizados para o “sexo feminino”. Essas mulheres tinham participação ativa e importante na sociedade, exercendo poder e autoridade na organização político-religiosa dos incas, sendo inclusive adoradas e reverenciadas como huacas (seres sagrados), heroínas e governadoras: este é o caso das Coyas, das sacerdotisas do Sol e da Lua, das curandeiras, das huacas femininas, das senhoras Cápac, das mulheres guerreiras [...] e das proprietárias de terras e águas.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. *Por uma história do possível: representações das mulheres incas nas crônicas e na historiografia*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012. p. 215.

As diferenças culturais entre os costumes europeus e os dos indígenas americanos fizeram com que os europeus questionassem seu conceito de ser humano. Havia à época diferentes correntes na Igreja Católica que se opunham quanto à humanidade desses povos. Tais correntes criticavam práticas culturais e as usavam como argumento para defender a tese de que os indígenas não eram humanos. A antropofagia, por exemplo, parte de culturas como a dos Tupinambá, foi uma das práticas mais censuradas pelos europeus, acirrando tal debate. Afinal, matar e comer outro ser humano parecia, aos europeus, um ato irracional, próprio de animais selvagens que não tinham alma, condição essencial para que um ser com feições humanas fosse considerado verdadeiramente humano pelos católicos da época.

Um grupo católico muito influente, então, era o dos jesuítas. Eles defenderam que os indígenas, a despeito de suas práticas, eram dotados de “alma” e, portanto, eram seres humanos. Por isso, reconhece-se o esforço jesuíta como parcialmente responsável para que a política de colonização portuguesa enfatizasse mais, a partir de certo momento, a conversão religiosa e catequização

Como exemplo de um desses relatos temos a famosa carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal: nessa carta, redigida entre abril e maio de 1500, o escrivão Pero Vaz de Caminha (1450-1500) registrou suas impressões sobre as terras que mais tarde compreenderiam o Brasil.



Embora os relatos de europeus sejam bastante utilizados como fonte histórica sobre a cultura e as sociedades pré-colombianas, muitas delas também possuíam seus próprios registros escritos (muitos dos quais foram saqueados ou destruídos nas invasões europeias). A imagem mostra um dos livros astecas (conhecidos como códices astecas), o *Códice Mendonza* ou *Códice Mendoncinco*, de c. 1540. Na página reproduzida, há informações sobre os rituais de casamento.

indígena do que sua escravização (diferentemente do que ocorreu com os negros africanos, por exemplo). Junto com esse aspecto cultural da questão, houve ainda condições econômicas e políticas necessárias para a configuração desse fenômeno (observado na pouco expressiva escravização de indígenas nos territórios que hoje formam o Brasil, em comparação ao que se passou nas regiões invadidas pelos espanhóis).

O “ciclo de guerra” na sociedade Tupinambá era dotado de ritmo regular: os ritos estabeleciam com precisão o que os indivíduos deviam fazer no curso dos acontecimentos e situações sociais, que se desenrolassem entre a determinação do ataque e a consumação do sacrifício dos inimigos aprisionados. A rigor, todas as atividades guerreiras faziam parte de um conjunto de ritos, organicamente integrados e interdependentes. Nele também se integravam os ritos de sacrifício do inimigo, de antropofagia [...].

FERNANDES, Florestan. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. São Paulo: Pioneira, 1970. p. 67.

É possível pensar, então, que uma série de valores e códigos culturais e morais dos católicos europeus (como a concepção de que o corpo era habitado por uma “alma”, por exemplo) fazia com que suas visões e percepções sobre os povos indígenas fossem muito pouco neutras.

Não escreva no livro.

## ATIVIDADES UM EUROPEU ENTRE OS TUPINAMBÁ

Será que um relato pessoal, escrito por um viajante ou explorador, tem valor como análise científica, sociológica ou antropológica? Ou será que estaria mais próximo do senso comum? Os relatos de viajantes e expedicionários foram a única fonte de informações para os europeus sobre diversas sociedades durante parte de sua história. Com o nascimento da Sociologia e da Antropologia como disciplinas científicas, entre o final do século XIX e o início do século XX, foram desenvolvidos métodos – como o método etnográfico – para investigar diferentes culturas e populações de modo a garantir, minimamente, a cientificidade das conclusões.

Os relatos de viajantes, contudo, não foram esquecidos como fonte de trabalho. Um dos registros mais importantes, nesse sentido, foi o da experiência de Hans Staden (c. 1525-1576), capturado por Tupinambás no século XVI. Leia a seguir um trecho do relato do viajante alemão sobre o período em que foi prisioneiro de guerra dos Tupinambá. Procure identificar, no texto, as passagens em que você consegue encontrar exemplos de uma postura etnocêntrica da parte do autor. Em seguida, leia as questões e retorne ao texto, se necessário, para respondê-las.

A xilogravura conhecida como *Dois chefes Tupinambás com os corpos adornados por plumas*, utilizada como ilustração no livro *Duas viagens ao Brasil* (1557), de Hans Staden, mostra o olhar europeu sobre a cultura indígena Tupinambá. Como seria essa imagem se ela tivesse sido produzida pelos próprios tupinambás? Que tipo de olhar você imagina que os europeus tenham tido sobre esses “outros” que eram, para eles, os Tupinambá? Quais os limites dos relatos pessoais, nesse contexto?



Quando eu estava andando na floresta, eclodiram grandes gritos dos dois lados da trilha, como é comum entre os selvagens. Os homens vieram na minha direção e eu reconheci que se tratava de selvagens. Eles me cercaram, dirigiram arcos e flechas contra mim e atiraram. [...]

Os selvagens pararam para lá montar acampamento e passar a noite. Fui até a cabana de Cunhambebe, o chefe mais importante, [...].

[Disse a ele] “Um animal irracional não come um outro igual a si, e um homem deveria comer outro homem?”. Então ele mordeu e disse: “Jauára ichê. Sou uma onça. É gostoso.” E afastei-me.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*.  
Porto Alegre: L&PM, 2011.

1. Com base na discussão já realizada sobre etnocentrismo e alteridade, que críticas você pode elaborar sobre a maneira como Hans Staden se refere aos indígenas do século XVI?
2. O final do texto explicita uma diferença cultural crucial entre a visão de mundo de Staden sobre a antropofagia e a visão de mundo do chefe indígena Cunhambebe. Que diferença é essa?
3. Como o princípio da alteridade pode operar para mediar o conflito entre culturas relatado no texto?
4. Embora possa ser usado como fonte para algumas informações, o texto de Staden tem problemas quando consideramos princípios científicos, como a objetividade e a busca por neutralidade nas análises e conclusões. Selecione passagens do texto que mostrem esses problemas.

## O método etnográfico

Os relatos de viajantes, embora inspiradores para sociólogos e antropólogos, e também para historiadores e até mesmo geógrafos em suas investigações, eram insuficientes do ponto de vista científico. O polonês Bronislaw Malinowski (1884-1942) foi o primeiro pesquisador a sistematizar um método para a realização de trabalhos etnográficos, exposto na obra *Argonautas do Pacífico Ocidental*, publicada originalmente em 1922. As proposições que ele elaborou se basearam em sua experiência etnográfica no arquipélago da Nova Guiné, no início do século XX.

O trecho a seguir, selecionado dessa obra, sistematiza alguns pontos-chave do método etnográfico. Faça uma leitura cuidadosa do trecho, anotando as frases que julgar que sintetizam esses pontos. Em seguida, a atividade proposta guiará a preparação da experiência etnográfica que deve embasar sua narrativa de ficção neste projeto.

Qual é, então, a magia do etnógrafo, com a qual ele consegue evocar o verdadeiro espírito dos nativos, numa visão autêntica da vida tribal? Como sempre, só se pode obter êxito com a aplicação sistemática e paciente de algumas regras de bom senso, assim como de princípios científicos bem conhecidos, e não pela descoberta de qualquer atalho maravilhoso que conduza ao resultado desejado, sem esforços e sem problemas. Os princípios metodológicos podem ser agrupados

em três unidades: em primeiro lugar, é lógico, o pesquisador deve ter objetivos genuinamente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna. Em segundo lugar, deve o pesquisador assegurar boas condições de trabalho, o que significa, basicamente, viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos. Por fim, deve aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro da evidência. [...]

O objetivo fundamental da pesquisa etnográfica de campo é, portanto, estabelecer o contorno firme e claro da constituição tribal e delinear as leis e os padrões de todos os fenômenos culturais, isolando os de fato irrelevantes. É necessário, em primeiro lugar, descobrir o esquema básico da vida tribal. Esse objetivo exige que se apresente, antes de mais nada, um levantamento geral de todos os fenômenos, e não um mero inventário das coisas singulares e sensacionais – e muito menos ainda daquilo que parece original e engraçado. Foi-se o tempo em que se aceitavam relatos nos quais o nativo aparecia como uma caricatura infantil do ser humano. Relatos desse tipo são falsos – e, como tal, a ciência os rejeita por completo. O etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura tribal sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

O antropólogo polonês Bronislaw Malinowski, o branco no centro da imagem, em momento de seu trabalho etnográfico com trobriandeses. A partir de sua experiência em campo relatada em *Argonautas do Pacífico Ocidental*, ele propôs os princípios do método etnográfico. Com novos desenvolvimentos na atualidade, o método etnográfico é ainda bastante utilizado como forma de objetivar a subjetividade do pesquisador em contextos de grande diferença cultural, de modo a auxiliar a compreender uma cultura pela sua própria lógica, resvalando o mínimo possível em etnocentrismo e buscando um olhar de alteridade. Fotografia de c. de 1915-1918.



ESCOLA DE ECONOMIA E CIÊNCIA POLÍTICA DE LONDRES

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Não escreva no livro.

## ATIVIDADES PREPARANDO SUA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

De maneira resumida, podemos dizer que a etnografia é um registro analítico e metódico de uma observação prolongada, em que o pesquisador submerge tanto quanto possível na cultura observada. No livro *Argonautas do Pacífico Ocidental*, Malinowski expôs seu método e tornou pública uma sistematização do método etnográfico.

Algumas das ferramentas mais comuns da etnografia podem ajudar no projeto de mapear e descrever a diversidade cultural de uma cidade, região ou bairro. Siga as orientações abaixo, individualmente ou em grupo, para iniciar seu trabalho.

1. Considerando as pessoas de sua cidade, bairro ou comunidade, organize uma lista de grupos de convivência que têm hábitos, costumes e maneiras de pensar e agir distintos uns dos outros. Para isso, parta do esquema que você elaborou na etapa anterior. Anote o espaço que mais frequentam e alguns dos hábitos desses grupos que você já conhece. Inclua tanto grupos dos quais você participa quanto grupos dos quais não participa. Sua lista deve ficar mais ou menos como a do exemplo abaixo (lembre-se: a tabela abaixo é somente um exemplo, você deve adaptá-la segundo suas necessidades):

| Grupo                        | Local comum                         | Hábitos/costumes/práticas   | Valores/ideias   | Participo? |
|------------------------------|-------------------------------------|---|--|------------|
| Jovens da igreja             | Igreja evangélica do bairro         | Reuniões uma vez por semana; frequência alta nos cultos; mulheres usam cabelo comprido; grupo de mensagens etc.   | Evangélicos; crenças em comum etc. (Outros? Quais?)                  | Sim        |
| Grupo de dança da minha irmã | Escola de dança + galpão de ensaios | Aula de dança uma vez por semana; ensaio extra uma vez por semana, aos sábados; todas as participantes são meninas; gostam do mesmo tipo de música etc.                                   | Gostam de dança. (Outros? Quais?)                                    | Não        |
| Escoteiros                   | Parque do bairro                    | Reuniões semanais aos sábados à tarde; acampamentos nos feriados; usam uniforme igual; rituais para hastear bandeira nacional; nomenclatura específica (chefe, patrulha, monitor...) etc. | Aprender fazendo; respeito à natureza e ao próximo. (Outros? Quais?) | Sim        |

2. Escolha um desses grupos, com o auxílio de seu professor, para que possa estudá-lo. Como você deverá se envolver com o grupo para realizar a observação etnográfica, sugerimos que considere as seguintes características:
  - a) É recomendável escolher um grupo do qual não participa – quanto mais diferente, quanto mais “outro” para você, melhor. Se possível, escolha um grupo em que conte com algum conhecido que faça a mediação que permitirá sua entrada “em campo”.
  - b) Escolha um grupo que você possa observar e com o qual possa conviver em locais e horários acessíveis. Lembre-se de que a observação não será feita apenas uma vez, nem por poucos minutos, então a sua disponibilidade é um bom critério para a escolha do grupo a ser estudado. Você deverá realizar entre 10 horas a 20 horas de observação.
3. Prepare sua entrada em campo.
  - a) Agende um dia para conversar com a pessoa que fará seu contato e apresentação ao grupo. Explique que você precisará participar de reuniões do grupo ou observar o espaço onde se reúne mais de uma vez.
  - b) Pergunte ao seu contato se há algum filme ou leitura recomendada para conhecer um pouco mais sobre o grupo escolhido.
  - c) Faça uma pesquisa bibliográfica sobre o grupo e suas características em periódicos científicos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Se necessário, peça auxílio de seus professores para isso. Procure comparar as conclusões e observações dos periódicos consultados com o discurso retirado dos materiais indicados no item b.
  - d) Escolha um caderno que você possa usar exclusivamente como caderno de campo. Antes de “ir a campo” pela primeira vez, utilize as primeiras páginas para escrever suas expectativas em relação ao grupo e a observação. Na próxima etapa do trabalho você irá aprender mais sobre como usar seu caderno de campo.



## Exercício etnográfico: indo a campo

### Anotações etnográficas

O caderno de campo será seu principal companheiro nas observações do grupo escolhido. Mas ele não é um caderno comum de anotações, pois as anotações etnográficas não são como as que fazemos cotidianamente.

O propósito das anotações etnográficas é explicitar tanto aquilo que parece óbvio quanto aquilo que chama a atenção por ser diferente. Por meio desse processo, os elementos de uma cultura são colocados em evidência e desnaturalizados, passando a ser vistos não como naturais, necessários, mas como apenas mais uma possibilidade dentre muitas.

Em uma etnografia ou observação etnográfica, o caderno de campo deve ser escrito pelo pesquisador registrando tanto os fatos objetivos quanto suas percepções, ideias, emoções. Na fotografia, a antropóloga Margaret Mead durante trabalho de campo na Papua-Nova Guiné na década de 1930.



FOTOSARCH/GETTY IMAGES

#### Dicas para o registro etnográfico

- Como já indicado, utilize um caderno, pois isso propicia que todas as suas anotações sejam facilmente encontradas em um único lugar. Se possível, ele deve ser exclusivo, para facilitar também a organização dessas anotações.
- Mesmo que você tenha um *tablet*, *smartphone* ou algo semelhante, papel, caneta ou lápis ainda são a melhor opção para garantir a realização de seu trabalho. Já imaginou se no dia da observação um desses aparelhos fica sem bateria?
- No início de cada anotação, lembre-se sempre de registrar algumas informações que o ajudem a lembrar e localizar sua observação no tempo e no espaço: onde foi realizada (localização detalhada), data e horário.
- As anotações devem ser feitas durante a observação, sempre que possível, ou imediatamente após. É fundamental que não passe muito tempo entre a observação e as anotações, para garantir que sua percepção esteja “fresca” na memória e seja registrada com o máximo de detalhes possível.
- Se quiser, complemente suas anotações com desenhos, esquemas e croquis. Caso julgue adequado, fotografe o que considerar interessante em momentos oportunos, sempre com a autorização dos sujeitos pesquisados, para que não se sintam invadidos. Esses elementos vão ajudar você a se concentrar na escrita descritiva.
- Na medida em que você observar, procurando descrever o campo, também vai fazer análises automáticas sobre aquilo que estiver vendo, e muitas questões podem surgir em sua mente. É importante que essas questões também sejam anotadas. Escreva tudo o que lhe vier à cabeça, junto com as descrições. Se necessário, faça anotações posteriores (um dia depois da observação, por exemplo), junto com aquelas realizadas durante a observação.
- Preste atenção especial aos objetos, ao espaço, às palavras utilizadas pelo grupo estudado para se comunicar (entre si e com os demais), e também à forma como as pessoas fazem as tarefas do cotidiano – vestir-se, comer, deslocar-se etc. Conversas informais ocorridas durante sua observação, quer envolvam você, quer não, podem ser fontes importantes para entender a lógica interna daquele grupo. Faça sua descrição da melhor forma possível – mesmo que ela ainda não seja o texto final de sua análise etnográfica.

## Utilizando o caderno de campo

Defina com seus professores e com o grupo que você observará quais vão ser a frequência e as datas de observação. Sugere- mos que você faça entre 10 horas a 20 horas de observação.

Após o fim das observações, retorne a seu caderno de campo e destaque (utilizando duas cores diferentes) as seguintes informações e passagens:

- com uma cor, destaque as passagens que são puramente descritivas do espaço, das pessoas, do grupo;
- com uma segunda cor, destaque as passagens que contêm opiniões, julgamentos e percepções suas sobre o que viu.

Observe sua própria postura em relação ao grupo e as dificuldades que encontrou diante de diferenças ou semelhanças com você.

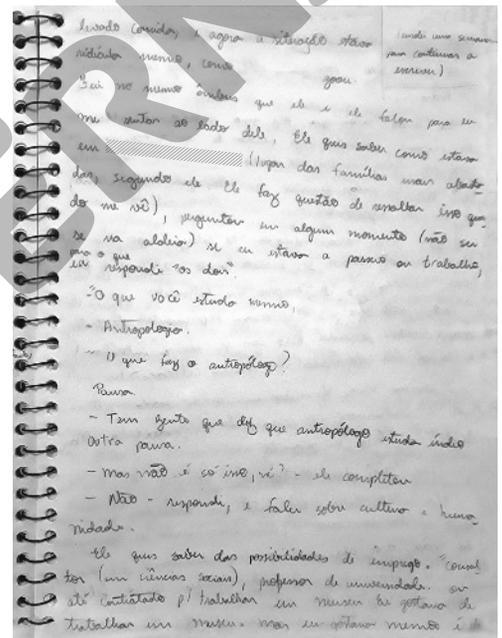
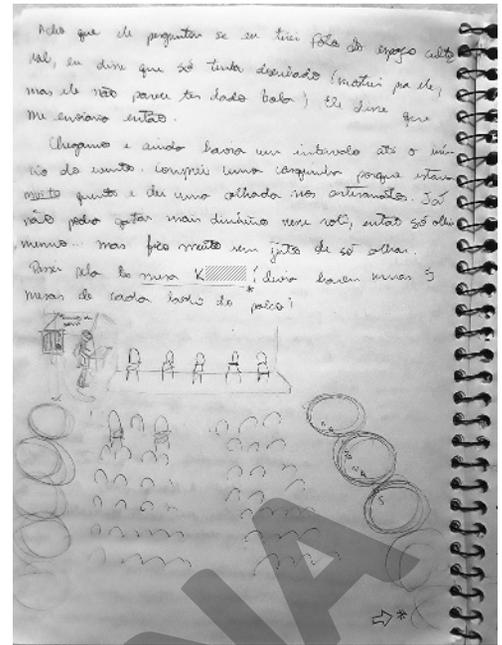
Retorne ao esquema que você elaborou anteriormente e reavalie: quanto sua observação trouxe de novo para seu olhar sobre o grupo estudado? Que mudanças você faria em seu esquema inicial para ajustar esse novo olhar?



Nem sempre o campo para uma etnografia é uma realidade distante. Ainda durante a graduação, a antropóloga Francine Rebelo etnografou a vida de mulheres caminhoneiras na estrada. Para isso, viveu um ano de carona nos caminhões. A inspiração veio de sua família, que já trabalhava no setor de transporte autônomo e frete. Seu trabalho, intitulado *As batonetes: uma etnografia de mulheres caminhoneiras no Brasil*, rendeu alguns prêmios. Fotografia de 2016, Ilhabela (SP).



Durante trabalho de campo com o povo Kadiwéu, na década de 1940, o antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997) recebeu uma pintura facial. É comum que, durante o trabalho etnográfico, os antropólogos se envolvam nos ritos e nas práticas que estão observando. Esse envolvimento agrega maior compreensão sobre o ponto de vista do outro e contribui com a posterior análise científica.



Os cadernos de campo podem ser feitos de diferentes maneiras, dependendo do pesquisador e da pesquisa. O importante é criar um registro o mais próximo possível de sua experiência em campo. Ao definir como fará seu caderno, você deve levar em conta também o seu impacto no campo (utilizar um *smartphone* em alguns lugares pode não ser uma boa ideia, por exemplo, pelo impacto que isso causa entre o grupo etnografado).

### Atenção!

Guarde o caderno de campo e o esquema, pois eles ainda serão utilizados nas etapas posteriores de planejamento da criação de sua narrativa de ficção, bem como em sua autoavaliação.



## Alteridade e mediação

### Conciliando diferenças

Nas etapas anteriores deste projeto, você tomou contato com diferentes caminhos de reflexão sobre a temática dos conflitos, considerando aspectos como trocas culturais, diferenças e diversidade, alteridade e empatia. Conheceu a importância de abordagens não etnocêntricas no momento de conhecer e conviver com culturas diferentes da sua.

Tudo isso pode permitir que você e seus colegas, de fato, comecem a organizar instrumentos que auxiliem na conciliação de diferenças, no entendimento mútuo, na compreensão do “outro” e de suas visões de mundo. É importante reconhecer que conflitos (culturais, políticos, territoriais, entre indivíduos etc.) são recorrentes no nosso cotidiano; ter a capacidade de refletir sobre formas de alcançar uma solução razoável para eles faz parte de nossa formação cidadã.

### O papel da mediação de conflitos

Ao pesquisar a respeito dos Acordos de Oslo, na página 121, você ampliou seus conhecimentos sobre o conflito entre israelenses e palestinos e começou a compreender o papel da mediação na resolução de conflitos, como uma forma (individual e coletiva) de buscar soluções em nome de uma cultura da paz.

A questão da resolução de conflitos e dos processos de paz (entre povos e Estados, principalmente) passou a ter importante papel nas relações internacionais desde a década de 1990, com o fim da Guerra Fria. A busca por soluções duradouras e pacíficas para diferentes conflitos étnicos, territoriais e diplomáticos ao redor do mundo tornou-se um esforço global.

Segundo muitos estudiosos, o principal modelo de ação para a resolução de conflitos nasceu em 1992, com a chamada Agenda para a Paz, do então secretário-geral da ONU Boutros Boutros-Ghali (1922-2016).

A mediação, a partir de então, começa a ser encarada, no cenário internacional, como uma importante ferramenta a ser utilizada na tentativa de aproximar as partes em conflito para o alcance do diálogo e de um possível acordo. Podemos dizer, portanto, que o exercício de **mediação** significa promover o diálogo entre duas partes conflituosas.

Ao criar sua narrativa de ficção em formato de conto literário ou história em quadrinhos do tipo novela gráfica, você vai refletir sobre o “outro”, levando em consideração sua incursão em um mundo ao qual você não pertence. Nessa criação de narrativa, você deve também explorar elementos ligados às suas reflexões sobre diferenças e diversidade, respeito e empatia, diálogo e cooperação, considerando variados caminhos e processos na resolução e mediação de conflitos na vida em sociedade.

Isso significa que você deve planejar a estrutura de sua narrativa com muito cuidado, atentando-se para a construção dos personagens e do conflito vivenciado por eles.

Quem exerce o papel de mediador na resolução de conflitos (de qualquer natureza)? De maneira geral, indivíduos, Estados, organizações e instituições (a ONU e a Anistia Internacional são exemplos de instituições que medeiam conflitos).

Antes de você começar a colocar a mão na massa para escrever sua narrativa de ficção, que tal fazer mais uma atividade?

O texto do escritor Alex Castro, a seguir, não é um conto, mas uma crônica. Publicado originalmente em 2013 no *site* Papo de Homem, e em 2019 no livro *Atenção*, a “História de um homem ridículo” condensa alguns dos debates pelos quais percorremos ao longo deste projeto e pode servir como inspiração para uma autorreflexão. Faça uma leitura do texto e relacione-o aos conceitos trabalhados e ao seu aprendizado com a experiência etnográfica. Em seguida, responda às questões propostas.

### História de um homem ridículo

Estava eu sentado em uma mesa de calçada, tomando meu café da manhã, quando passa por mim um homem ridículo. Andando pela rua de forma confiante e decidida. Completamente ignorante do fato de ser tão ridículo. De estar tão fora do padrão, da regra, do correto. De ser tão feio, tão malvestido, tão tosco. O homem ridículo estava todo errado.

Não vou descrever o homem ridículo. Seria impossível descrevê-lo sem ser cúmplice de sua ridicularização, sem fazer vocês também o acharem ridículo.

Porque, um segundo depois, me dei conta: para uma ou mais pessoas, esse homem ridículo é a pessoa mais amada, a pessoa mais importante. Para algumas, ele sempre será o bebê lindo, a criança promissora, o adolescente vigoroso que foi um dia. Apesar de estar passando pela rua a vinte metros de mim, de eu só estar enxergando-o por breves segundos, de eu nunca ter ouvido sua voz ou interagido com ele de nenhuma maneira, de ele ser para mim só um figurante sem fala no ó-tão-importante filme da minha vida, de ele ser apenas uma figura de cartolina exemplificando o total oposto do padrão de beleza vigente...

Que ele era uma pessoa.

A enormidade desse fato caiu sobre mim como se um balão d’água tivesse estourado sobre minha cabeça.

Uma pessoa igual a mim. *A mim!* Com os mesmos sentimentos. Que dá tanta importância a si mesmo quanto eu me dou. Que sempre viu tudo pelos seus próprios olhos. Que sempre sentiu todas as suas dores. Uma pessoa plena. Um *Homo sapiens* adulto. Um indivíduo da espécie dominante do único planeta habitado que conhecemos. Por tudo que se sabe, ele é o ápice da evolução do cosmos. Ali, passando por mim, já se afastando. Tão ridículo. Se esse homem ridículo morresse hoje, agora, fulminado por meu implacável julgamento, haveria gente sofrendo dor profunda, chorando, trabalhando o luto, lembrando melhores momentos compartilhados. Aquele homem ridículo deixaria um vazio talvez insuperável em corações que nem conheço.

Então, sumiu atrás de uma esquina, mas apareceu uma adolescente patinadora, duas freiras, um moço afro e seu cachorrinho, um gari cantarolante, e foi quase que como uma sobrecarga de informação: todos pessoas. Cada um. Nenhum deles figurantes do filme da minha vida. Todos protagonistas de seus próprios filmes. Pessoas plenas.

O único homem ridículo ali era eu.

CASTRO, Alex. História de um homem ridículo. In: CASTRO, A. *Atenção*. São Paulo: Rocco, 2019. p. 67-68.

## ATIVIDADES EMPATIA

Não escreva no livro.

1. Explique, com suas palavras, o que significa “empatia”.
2. Você considera que o autor dessa crônica conseguiu, em algum momento, exercer empatia? Por quê? Justifique.
3. Na sua opinião, a empatia serve como ferramenta na resolução de conflitos? Por quê? Considerando as reflexões, as leituras e as atividades que você fez até o momento, neste projeto, responda: que outras ferramentas podem ser utilizadas na resolução de conflitos, tão comuns na vida em sociedade?



# Escolhendo a linguagem da narrativa: conto ou quadrinho

## Diferentes linguagens

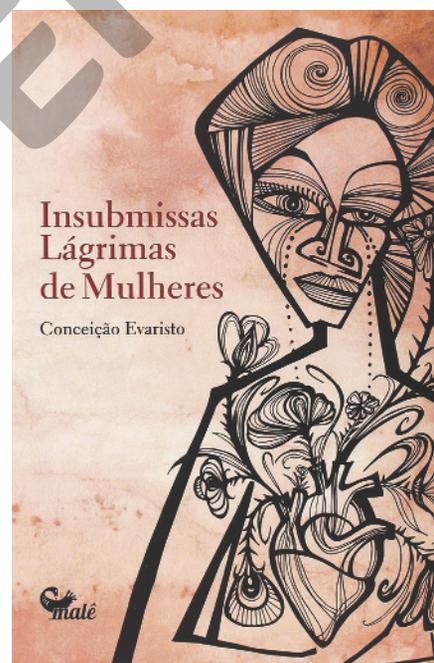
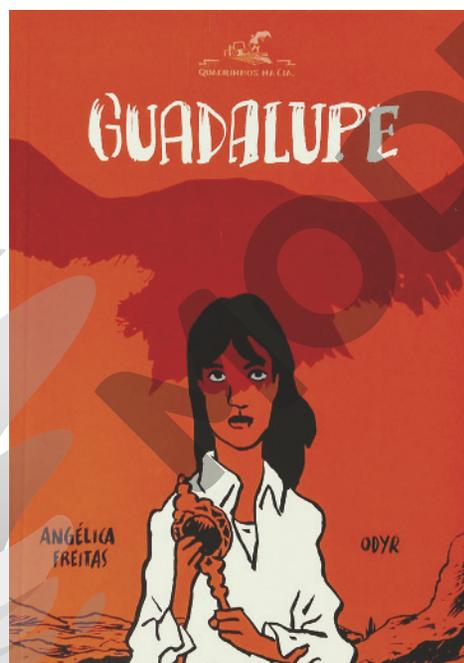
Com o material inspirador já sistematizado em seu esquema e caderno de campo, é hora de conhecer um pouco as duas linguagens propostas para o produto final deste projeto. Você deverá criar uma narrativa de ficção que aborde a temática do “outro”, discutindo sobre como conhecer o outro, traçar caminhos para o diálogo e a cooperação e respeitar as pessoas e os grupos em sua diversidade. Essas são uma importante chave para a resolução de conflitos.

Para isso, você pode escolher uma entre duas linguagens: conto literário ou história em quadrinhos do tipo novela gráfica.

Para fazer essa escolha, considere a possibilidade de trabalhar individualmente, em dupla ou em grupo. Além dos materiais requeridos e disponíveis, os boxes e as seções a seguir oferecem ferramentas para que você tome essa decisão.

O romance gráfico *Guadalupe* (São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2012) foi escrito pela poeta Angélica Freitas e ilustrado pelo pintor e desenhista Odyr. A linguagem dos quadrinhos é uma associação bastante interessante de texto e imagem para transmitir uma narrativa (imagem do lado esquerdo).

A coletânea *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (Rio de Janeiro: Malé, 2016), da escritora Conceição Evaristo, traz contos que provocam leitoras e leitores a refletir sobre as relações sociais, raciais e de gênero que delineiam a experiência das mulheres negras no Brasil. O conto é uma potente ferramenta para estabelecer pontes e diálogos capazes de mediar conflitos e criar sensibilidade para perceber experiências de mundo que não as nossas.



## Conto literário

Um conto é uma narrativa escrita curta. Pode ser tão curta quanto uma frase, como é o caso dos microcontos, ou um pouco mais longa, como é o caso dos contos mais comuns. O que caracteriza o conto não é apenas o tamanho, mas o fato de que a narrativa em geral contém apenas um conflito e um clímax – enquanto os romances, por exemplo, contêm uma trama mais complexa e com diferentes conflitos, clímax e resoluções apresentados ao longo do texto. Há bastante variedade nos formatos possíveis para contos, como você pode ver nos boxes a seguir.

## Contos

Os contos são narrativas breves que apresentam um único conflito, com um número reduzido de personagens que vivenciam a ação dramática.

## Contos em redes sociais

Alguns contos são estruturados em fragmentos sequenciais e apresentados em espaços pequenos de redes sociais. Esse é o caso do conto “A história de Emil Müller e Xaver Sumer”, de Guillem Clua, publicado originalmente em uma rede social, e que conta a jornada do narrador para descobrir a história de dois soldados da Primeira Guerra Mundial que teriam sido amantes secretos.

## Microcontos

Um dos microcontos mais famosos é do autor estadunidense Ernest Hemingway, e consiste em apenas uma frase:

“Vende-se: sapatinhos de bebê nunca usados.”

Em apenas uma frase, estão contidos:

- Personagens: os pais, o bebê.
- Conflito: a morte do bebê.
- Cenário: uma loja de roupas usadas ou anúncio de jornal tipo classificados.
- Resolução: passado o luto, desfazer-se dos objetos do filho perdido.

Apesar de serem menores, os microcontos costumam ser difíceis de elaborar, justamente pela característica de condensarem toda uma narrativa em uma ou poucas frases.

## ATIVIDADES

### PENSAR O FORMATO CONTO

Não escreva no livro.

Para refletir sobre a linguagem de conto literário, com o auxílio de seu professor faça uma breve pesquisa e selecione um conto de seu interesse. Se possível, escolha um conto que se relacione de alguma maneira com o assunto, universo, tema, personagens etc. da narrativa que você vai criar, como com a sua experiência etnográfica, considerando a temática do “outro”. Tenha sempre em mente a ideia de que conhecer e respeitar pessoas e grupos em sua diversidade é uma importante chave para a resolução de conflitos.

1. Leia uma primeira vez o conto para conhecê-lo.
2. Em seguida, faça uma segunda leitura, identificando os seguintes elementos básicos da narrativa:
  - Personagens
  - Conflito
  - Clímax de tensão
  - Resolução
  - Cenário
3. Por fim, faça uma terceira leitura do conto, com especial atenção às seguintes questões:
  - a) De que maneira o autor usa as palavras?
  - b) Que sensações você teve ao ler o conto? Como identifica que o escritor usou as palavras, frases, pontuação etc. para causar essa sensação?
  - c) Há diferença entre ler parágrafos mais longos e mais curtos? O que você pode observar sobre o ritmo do texto?
  - d) O autor usou marcas de oralidade no texto? Quais e como foram usadas?
  - e) Quem narra a história? Faça uma breve pesquisa para entender a diferença entre narrador onisciente, narrador observador e narrador em terceira pessoa.
  - f) Como o tempo e a temporalidade são construídos? Que recursos o escritor usou para transmitir ao leitor esses elementos?

ARCHIVES DU ZEMME ART/PHOTO 12/AFP



O cinema também é uma forma de compartilhar narrativas e muitas vezes se baseia em produções da literatura. Na imagem, cena do filme *Mutum*, de Sandra Kogut, 2007. O filme é baseado no conto “A História de Miguilim”, de João Guimarães Rosa.

### Material necessário

Para escrever um conto, você precisará de papel e caneta e, se desejar, um computador ou máquina de escrever. O conto pode ser escrito à mão ou digitado (ou, ainda, datilografado), mas a etapa de planejamento muitas vezes é realizada à mão, com esquemas, anotações, mapas mentais, entre outros recursos. O processo criativo é bastante pessoal, por isso há muita variação.

## Ler sobre escrever

O projeto “Como eu escrevo”, organizado na internet por José Nunes, compila em um *site* as respostas de diversos escritores e escritoras para questões sobre o processo de escrever. Leia abaixo como três escritoras e um escritor, todos com experiência em contos, descrevem seus processos de escrita ao responder às perguntas propostas pelo projeto.

### Em que hora do dia você sente que trabalha melhor? Você tem algum ritual de preparação para a escrita?

#### Renata Corrêa:

De manhã. É desesperador para mim ter que escrever à noite, ou virar a noite escrevendo. Como também sou roteirista, a profissão exige muitas horas de escrita, prefiro sempre começar de manhã, que é quando eu rendo mais. Passo um café, e escrevo na mesa da varanda, geralmente. Eventualmente vou num café vazio perto de casa quando a casa está inviável. Não consigo trabalhar com a casa em desordem, ou com “roupas de ficar em casa”. Preciso que a louça esteja lavada, e me colocar fisicamente em ordem para escrever.



ARQUIVO PESSOAL

Renata Corrêa é escritora e roteirista, autora do livro de contos *Vaca e outras moças de família*.

#### Aline Valek:

Sou uma pessoa bem vespertina. Produzo melhor à tarde, talvez porque use as manhãs para me preparar e pegar no tranco. [...]

Quando é hora de escrever, abro o computador, sento [...] e escrevo. Não tem muito mistério. Às vezes vem a vontade de fazer qualquer outra coisa, navegar a esmo na internet, [...] criar uma *playlist* nova com músicas para me fazer entrar na *vibe* “certa”, mas preciso me forçar a ficar na situação de escrever. [...]

É preciso insistência. E uns intervalos para tomar banho e café. Ajuda a recuperar o fôlego e arejar o cérebro para mais uma rodada de escrita.



ARQUIVO PESSOAL

Aline Valek é escritora e ilustradora, autora de *As águas-vivas não sabem de si*, entre outras obras.

#### Alex Castro:

Eu sou totalmente matinal. Faço meu melhor trabalho das cinco às dez, onze da manhã. Se não comecei a trabalhar até umas nove, já sei que o dia será perdido.



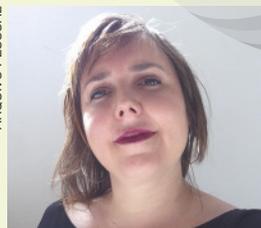
AC JUNIOR

Alex Castro é escritor, autor de *Outrofobia*, *textos militantes* e *Onde perdemos tudo*, entre outras obras.

#### Ana Rüsche:

Geralmente no período da manhã tenho a cabeça mais fresca. Entretanto, não me ateno a isso, pois se um texto precisa ser escrito, bora colocar ele no mundo!

Quando escrevo prosa, preciso de organização física. Mesa arrumada. Somente uma caneca com café, chá, água. Uso bastante um “pomodoro timer”, um contador de tempo para você escrever durante 25 minutos e fazer pausas. Não escuto música, pois me afeta. Também não consigo conciliar escrever com fuçar em redes sociais (risos), daí prefiro separar bem as atividades.



ARQUIVO PESSOAL

Ana Rüsche é escritora e doutora na área de Estudos Literários e Linguísticos em Inglês, autora de *Furiosa*, entre outros livros.

## Você escreve um pouco todos os dias ou em períodos concentrados? Você tem uma meta de escrita diária?

### Renata Corrêa:

Escrevo todos os dias, sem exceção, mas não tenho meta diária. Às vezes são longas jornadas concentradas, às vezes pequenas notas, desorganizadas.

### Aline Valek:

Depende muito. Quando estou trabalhando em vários projetos, tento escrever um pouco todos os dias, ou separar dias específicos só para escrever. Para escrever textos mais curtos, ou a *newsletter* que mando para meus leitores, por exemplo, costumo separar uns dois dias só para escrever isso. [...] nos últimos tempos alternei metas diárias com escrever um pouquinho todo dia; separar dias só para escrita ou dividir o dia entre escrita, ilustração e tarefas administrativas; depende sempre da quantidade de trabalhos que preciso equilibrar para pagar as contas, mas sempre tento deixar um espacinho, ainda que apertadinho, para a escrita

continuar nos meus dias. Ou não. Tem períodos em que não quero escrever, fico de saco cheio, prefiro fazer outras coisas. Então não escrevo.

### Alex Castro:

Eu passo dias e dias sem escrever. Aí sento e passo 12 horas seguidas escrevendo por vários dias, parando só pra dormir.

### Ana Rüsche:

Escrevo todos os dias. Com exceção de sábado. Não tenho meta, pois muito do “escrever” para mim também é fazer *post*, escrever artigo, gravar *podcast* – quase tudo é sobre literatura – há semanas em que priorizo estas atividades, até como uma forma de descanso de projetos mais pesados. Mas calculo quando este ou aquele texto estarão prontos. Ah, e se não escrevo (quando tenho que preparar muitas aulas) me torno mal-humorada e até depressiva. Escrever é necessário para organizar a cabeça!

## Como é o seu processo de escrita? Uma vez que você compilou notas suficientes, é difícil começar? Como você se move da pesquisa para a escrita?

### Renata Corrêa:

Meu processo é muito caótico. Tenho *insights* sobre um tema, estou lendo um livro e um trecho me leva para um lugar aparentemente não relacionado ou obsessão aleatória. Mas nunca é aleatório, na verdade. [...] de alguma maneira sinto que tudo que me interessa no momento da escrita está me orientando para o texto. Então notas antigas, filmes, textos, conversas se tornam uma teia caótica que eu vou limpando para construir o discurso ficcional ou autoral que me interessa. São pistas que eu colho, o texto é a solução do caso.

### Aline Valek:

Tento me mover o mais rápido possível. Porque ficar pesquisando e anotando pode se tornar facilmente uma tarefa sem fim. Pesquisar é muito legal, mas também é um momento perigoso de se perder. Então assim que colete informação o suficiente para mover as engrenagens do meu cérebro e começar a ter ideias, parto logo para a escrita.

### Alex Castro:

A tentação é enorme de continuar lendo e nunca escrever. É sempre difícil abandonar a pesquisa, a leitura, as notas e finalmente começar.

### Ana Rüsche:

Bom, sou virginiana com milhões de planetas em virgem. Daí trabalho braçal e organizado não me mete medo. Sou adepta de esboços substanciais e detalhistas, milhões de rascunhos para testar voz da narrativa, personagens, leituras programadas de pesquisa. Um capítulo, para exemplificar, sofre na minha mão bem umas quatro ou cinco demão de correções e reescrituras até ficar razoável.

Relatos dos escritores: Renata Corrêa, disponível em: <<https://comoeeescrevo.com/renata-correa/>>; Aline Valek, disponível em: <<https://comoeeescrevo.com/aline-valek/>>; Alex Castro, disponível em: <<https://comoeeescrevo.com/alex-castro/>>; Ana Rüsche, disponível em: <<https://comoeeescrevo.com/ana-rusche/>>. Acessos em: 22 nov. 2019.



Marcelo D'Saete vê nos quadrinhos uma potência para narrar o período colonial e a escravidão no Brasil. Fotografia de 2018.

## História em quadrinhos

Diferente dos contos, as histórias em quadrinhos articulam texto e recursos gráficos – desenho, imagem, traço – para transmitir sensações, ideias, e compor cenários e contextos. Você já leu uma novela gráfica ou romance gráfico? Em geral, utiliza-se essa nomenclatura para falar de histórias em quadrinhos mais longas, que contam narrativas de ficção ou não ficção (como no caso do jornalismo em quadrinhos).

O Brasil é um grande mercado de quadrinhos e nos últimos anos viu a quantidade de romances gráficos premiados internacionalmente aumentar. Um dos exemplos recentes é a HQ *Cumbe*, de Marcelo D'Saete, ganhador do prêmio Eisner. Leia a seguir algumas reflexões do autor sobre esse trabalho e sobre a produção de histórias em quadrinhos, compartilhadas em uma entrevista. Durante a leitura, procure identificar os elementos que o autor menciona como parte do processo de criação e as características que ele atribui à linguagem dos quadrinhos.

### Como a sua vida e suas vivências em relação ao racismo e o papel do negro na sociedade se relacionam com a escolha dos temas de suas obras? Como isso se desenvolveu em você?

Venho de uma família da zona leste de São Paulo, primeiro morei em São Mateus, depois em Artur Alvim, locais onde passei minha infância e adolescência. Sou de uma família negra que não discutia o racismo frequentemente, diariamente, na nossa trajetória, mas muitas vezes o tema aparecia.

No final de 1980, eu e minha irmã, trabalhando no centro, nos deparamos com o movimento hip hop. Eu ouvia muito no rádio as músicas que estavam sendo lançadas, também em algumas festas. E todo aquele movimento, de certo modo, me chamou atenção. Eram músicas como “Força ativa”, “Pânico na zona sul”, dos Racionais. Talvez meu primeiro contato seja a partir do Thaíde [rapper] porque tinha uma das músicas dele que tinha sido parodiada e que tocava no antigo programa da TV Pirata. Isso me chamou a atenção para a questão do rap, do movimento jovem que chegava e que criava raízes muito profundas, porque a gente está falando de uma comunidade, de uma juventude negra, naquele momento, muito carente de representação. É certo que a gente tem uma história de contestação também no samba, mas em outro formato, e não era o samba que chegava em casa. Só fui conhecer Geraldo Filme, por exemplo, por influência do Kiko Dinucci muito depois, no final de 1990.

Então, o rap acabou cumprindo esse papel de formação política nas periferias muito forte, e na década de 1980 a gente tem uma nova or-

ganização das periferias no pós-ditadura que é significativa. Ali os movimentos sociais estavam em ebulição. Eu acabei acompanhando boa parte desse processo, discutia isso com os colegas, na medida do possível. Tive contato com os Cadernos Negros também no final de 1990, a partir de uma peça que fui ver perto do bairro do Bom Retiro e que falava sobre dança, cultura, história negra. Tinha uma banca vendendo os livros dos Cadernos Negros. Foi a primeira vez que tive contato com esse tipo de literatura. Foi muito rico para mim perceber que existia uma história de luta escrita sobre o negro no Brasil. Depois acabei participando do Núcleo de Consciência Negra da USP, um momento de formação importante. E, já na universidade, eu participava com os colegas de grupos que estavam nessa discussão.

### Como foi o estudo que você fez para desenvolver “Cumbe”?

A partir de toda essa vivência foi que, em 2004, tive contato com um curso falando sobre história do Brasil voltado para pensar a experiência negra dentro do território brasileiro. Sempre falo que a gente não consegue entender ou tentar entender a história do Brasil sem tentar incluir essa perspectiva negra. Então, a partir de 2004 eu li um livro sobre Palmares e me interessei muito. E comecei a pensar numa narrativa sobre isso. Em 2006, foi quando comecei a fazer os primeiros roteiros e descobri que faltava muita coisa para construir aquilo de modo mais interessante, com mais aprofundamento, e não apenas recorrendo a certos esquemas que a gente tem quando pensa em escravidão no Brasil.

Apenas dentro da oposição escravidão x liberdade, por exemplo. O termo “liberdade” é algo que vem bem depois na história do Brasil. A ideia de liberdade que a gente tem hoje tem muito a ver com Revolução Francesa, que é muito diferente de liberdade, ou melhor, de usar o termo “livre”, “ser livre” no século 17. Eu fui atrás dessas histórias, cheguei a algumas obras de autores que falavam um pouco mais de casos bem específicos. Eu vi que ali tinha essas dicas, essas experiências que eu queria trazer para as histórias em quadrinhos. Minha intenção sempre foi falar de casos específicos, sempre foi pensar nisso enquanto ficção mais do que apenas dado histórico.

A minha forma de me alinhar com isso foi procurar histórias razoavelmente palpáveis e interessantes para os leitores de hoje e a gente discutir esse universo, tentar se aproximar do que foi aquele contexto, do que foi aquela extrema brutalidade em relação a esses grupos e à população negra.

[...]

**Como você avalia, por exemplo, o uso dos quadrinhos para fazer reportagem jornalística? Cito Joe Sacco, por ser uma referência nesse aspecto. Mas há algumas produções nacionais nesse sentido. Já leu? O que acha do estilo?**

Acho que é mais uma das possibilidades que os quadrinhos trazem. Nada mais interessante, já que os quadrinhos nascem no século 19 com a publicação de jornais e revistas, era um caminho até esperado essa mescla de quadrinhos com fatos jornalísticos.

Conheço alguns autores como o Joe Sacco, o Alexandre de Maio, Jesus Cossio, que fez um livro falando sobre o Sendero Luminoso do Peru. Há muito para ser explorado nos quadrinhos e dentro desse formato de reportagens. Fico feliz que tenha gente explorando a nossa história, as nossas contradições, nesse formato.

D'SALETE, Marcelo. “Tentei me aproximar da extrema brutalidade com os negros”. [Entrevista cedida a] Thiago Domenici. *Agência Pública*, 9 ago. 2018. Disponível em: <<https://apublica.org/2018/08/tentei-me-aproximar-da-extrema-brutalidade-com-os-negros/>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

### Material

Histórias em quadrinhos podem ser feitas com diversos materiais: apenas papel e caneta ou lápis coloridos, por exemplo, ou com recursos digitais. Depende do estilo do autor e da narrativa.

## ATIVIDADES

### PENSAR O FORMATO HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Não escreva no livro.

Para refletir sobre a linguagem de história em quadrinhos, pesquise e selecione com auxílio do professor uma história em quadrinhos do tipo novela gráfica. Se possível, escolha uma obra que se relacione de alguma maneira com a narrativa que você vai criar sobre o universo do “outro”.

1. Leia uma vez a obra para conhecê-la. Faça uma segunda leitura, identificando elementos básicos da narrativa: personagens; conflito; clímax de tensão; resolução; cenário.
2. Por fim, faça uma terceira leitura e reflita sobre as questões a seguir.

- a) Que sensações você teve ao ler a obra?
- b) De que maneira o autor usa as palavras, os traços e a tipografia? Como esses elementos se articulam?
- c) O autor usa marcas de oralidade no texto? Se sim, quais e como foram usadas?
- d) Como é a narração da história em quadrinhos? Pesquise a diferença entre narrador onisciente, narrador observador e narrador em terceira pessoa.
- e) Como o tempo e a temporalidade são construídos? Que recursos o autor usa para transmiti-los? Como a distribuição de uma cena nos quadros cria esse efeito?

## ATIVIDADE

### DECIDINDO COM QUE LINGUAGEM TRABALHAR

Não escreva no livro.

Agora você deve decidir com qual das duas linguagens trabalhará para elaborar o produto final deste projeto. Para isso, leve em conta os materiais disponíveis, mas também a possibilidade de realização do projeto. Além disso, reflita sobre o contexto da

sua narrativa, discutindo sobre como conhecer o universo do “outro”. Traçar caminhos para o diálogo e a cooperação e respeitar as pessoas e os grupos em sua diversidade é uma importante chave para a resolução de conflitos.



# Planejamento, execução e exibição da narrativa

## Mãos à obra

Na Etapa 5, você definiu com qual das duas linguagens irá trabalhar. Agora, as atividades desta etapa de trabalho guiarão o planejamento e a execução da sua criação e oferecerão ferramentas para que você decida com seus colegas como compartilhar o produto final do projeto.

Recupere seu esquema inicial, bem como seu caderno de campo. Utilize a imaginação para pensar, em linhas gerais, em quais aspectos da experiência desse “outro” você gostaria de abordar em seu conto literário ou história em quadrinhos do tipo novela gráfica.

Não escreva no livro.

### ATIVIDADES

### PLANEJANDO O CONTO LITERÁRIO OU A HISTÓRIA EM QUADRINHOS DO TIPO NOVELA GRÁFICA

Com base nas atividades e reflexões anteriores, você deve começar a elaborar seu conto literário ou sua história em quadrinhos do tipo novela gráfica. Para começar, procure refletir sobre os itens a seguir:

#### 1. Personagens

- Quem são os personagens?
- Há um personagem principal? Quem é e por quê?
- Como os personagens se relacionam entre si?
- Crie uma descrição breve dos personagens. Essa descrição deve ser a mais profunda possível, abrangendo tanto aspectos físicos quanto aspectos emocionais, psicológicos, de personalidade e da trajetória pessoal deles. Nem tudo o que você imaginar precisará ser descrito para o público ou constar no produto final. Contudo, ter domínio dessas informações, como autor, permite que você construa sua narrativa de maneira mais sólida para os leitores.

#### 2. Tempo e temporalidade

- Em que tempo histórico a história se passa?
- Ao longo de quanto tempo cronológico ela se desenvolve?
- Qual é o ritmo que você deseja transmitir aos leitores?

#### 3. Cenário e espaço

- Quais os cenários e espaços em que a história acontece? Que sensações esses cenários devem transmitir?
- Qual a relação dos personagens com esse espaço?
- Faça uma breve descrição dos principais espaços e cenários, ainda que os detalhes não sejam todos explicitamente comunicados ou desenhados na obra.

#### 4. Estrutura da narrativa

- Qual é o conflito inicial? Procure definir esse aspecto da narrativa tendo em mente as reflexões que você vem fazendo neste projeto, levando em consideração elementos como: conflitos culturais, etnocentrismo, abordagens não etnocêntricas, respeito, alteridade, empatia etc.
- Qual o clímax de tensão?
- Qual é sua resolução? Ou seja: que ferramentas ligadas ao conhecimento do “outro” de forma não etnocêntrica podem ser usadas na resolução do conflito presente em sua narrativa? Que ferramentas, vistas neste projeto (mediação na resolução de conflitos, amparado pelo diálogo, pela cooperação, pela empatia etc.), você utilizará em sua narrativa?

#### 5. Sinopse

- Escreva, com base nos itens anteriores, uma sinopse. Ela deve ter um parágrafo em que a história é apresentada em linhas gerais, de maneira sucinta.

#### 6. Roteiro/Storyboard

- Antes de escrever propriamente, elabore um roteiro em linhas gerais, definindo o que será apresentado em cada momento e como.
- No caso do conto literário, o roteiro deve ser uma espécie de croqui do texto, um mapa que pode orientar seu trabalho. No caso da história em quadrinhos do tipo novela gráfica, o roteiro deve descrever as cenas visualmente com frases curtas e objetivas, localizando ângulos de visão, personagens etc. Antes de desenhar, você pode ainda fazer um *storyboard*, ou seja, uma versão rascunhada simples da divisão dos quadros, conteúdo gráfico e de texto de cada um deles etc. Isso permitirá a você testar efeitos e visualizar o que pode funcionar mais e menos para transmitir as sensações e ambientações que planejou.

#### 7. Elementos estéticos da sua obra

- Pense sobre o texto: que recursos de texto você gostaria de utilizar? Como pensar pontuação, paragrafação, diálogos? Frases mais longas, mais curtas? Marcas de oralidade?
- Para o trabalho com história em quadrinhos, pense também em que tipo de traço pode ser mais interessante, os materiais a serem utilizados e como combinar os elementos gráficos e o texto.

Infográfico elaborado com base em: <[https://www.viltoreis.com/wp-content/uploads/2017/11/Infogr%C3%A1fico\\_6\\_ideias\\_de\\_conflitos\\_B-01.jpg](https://www.viltoreis.com/wp-content/uploads/2017/11/Infogr%C3%A1fico_6_ideias_de_conflitos_B-01.jpg)>. Acesso em: 22 nov. 2019.

## 6 IDEIAS DE CONFLITOS

Para escrever histórias com personagens inesquecíveis

### O QUE É UM CONFLITO?

Um conflito em uma história é uma situação ou reunião entre personagens que resulta em desafio e oposição.

### 6 TIPOS DE CONFLITO



#### 1 PERSONAGEM X PERSONAGEM

Conflitos entre personagens, entre heróis ou vilões ou amantes.

**Exemplo:** *Romeu e Julieta*, de Shakespeare.



#### 2 PERSONAGEM X SOCIEDADE

O personagem é vítima da sociedade. **Exemplo:** Winston Smith em *1984*, de George Orwell.



#### 3 PERSONAGEM X NATUREZA

Quando uma catástrofe natural ou elemento da natureza muda a vida do personagem. **Exemplo:** *Moby Dick*, de Herman Melville.



#### 4 PERSONAGEM X TECNOLOGIA

O personagem enfrenta os resultados ameaçadores da ciência, que estão além do seu controle. **Exemplo:** *Frankenstein*, de Mary Shelley.



#### 5 PERSONAGEM X ELE MESMO

Conflito entre um personagem e sua luta interior. **Exemplo:** Raskólnikov em *Crime e Castigo*, de Dostoiévski.



#### 6 PERSONAGEM X SOBRENATURAL

A fonte do conflito é o sobrenatural. **Exemplo:** o palhaço que aterroriza as crianças em *It – A coisa*, de Stephen King.

ILUSTRAÇÕES: ALEX ARGOZINO

Com tudo pronto, é hora de escrever seu conto literário ou desenhar e escrever sua história em quadrinhos do tipo novela gráfica. Alguns cuidados são importantes na hora de realizar essa tarefa:

1. Organize seu trabalho e procure prever um prazo realista, porém adequado ao cronograma geral do projeto estabelecido com seus professores, para trabalhar.
2. Não esqueça de reservar tempo suficiente para revisões e alterações, que poderão ser feitas com o auxílio de seus professores.
3. Procure calcular e estimar todas as etapas do trabalho:

#### Conto literário

- Escrever primeira versão.
- Pedir leitura e comentários para professor ou colega.
- Rerler e revisar.
- Fazer alterações.
- Fechar versão final.
- Imprimir (opcional)/Compartilhar digitalmente.

#### História em quadrinhos do tipo novela gráfica

- Escrever um roteiro/Storyboard.
- Desenhar.
- Colorir.
- Inserir texto.
- Fazer a arte-final (acabamento gráfico).
- Digitalizar (opcional)/Compartilhar impresso ou digitalmente.



As bibliotecas públicas, como a Biblioteca Parque Manguinhos no Rio de Janeiro (RJ), na fotografia, em geral dispõem de equipamentos que podem auxiliar na produção de seu conto ou história em quadrinhos. Você pode utilizar material de consulta ou, em alguns casos, até mesmo computadores, além de desfrutar do espaço de silêncio e concentração para elaborar as bases de seu trabalho. Fotografia de 2010.

Nenhuma narrativa faz sentido sem público. Por isso, é essencial que você compartilhe o produto final de seu projeto da melhor forma possível. Para isso:

1. Decida qual o público que deve acessar seu trabalho.
2. Avalie se é melhor fazer versões impressas ou digitais para isso.
3. Se desejar, articule o seu trabalho com o de seus colegas, publicando uma coletânea de contos, uma revista de quadrinhos tipo “zine” com diferentes histórias ou uma revista mista, de literatura e quadrinhos, com o tema “outro”.
4. Peça aos leitores e leitoras de sua criação, se possível, que deixem um comentário por escrito sobre a experiência de ler sua obra. Depois utilize o comentário na atividade de autoavaliação.

# Autoavaliação

Não escreva no livro.

Em um projeto como este, uma autoavaliação permite refletir sobre os aprendizados acumulados coletiva e pessoalmente ao longo do processo. Essas reflexões podem auxiliá-lo inclusive nos próximos projetos que você poderá executar, além de serem uma forma de sistematizar acertos e erros, também aplicável à vida fora da escola.

Copie as questões a seguir e, com base em suas reflexões pessoais, responda:

1. Observando o esquema inicial que eu fiz sobre a comunidade ou o grupo que estudei, quanto posso dizer que aprendi?
2. Eu percebi que tinha preconceitos sobre esse "outro"? Quais? Esses preconceitos foram transformados com a experiência do projeto? De que maneira?
3. Que ideias eu quis transmitir em minha obra? Transmiti com sucesso? Que ideias não consegui transmitir bem? Qual foi o *feedback* do público ao ler minha obra?
4. Como foi o meu envolvimento com o projeto?
5. Que partes do processo foram mais fáceis? Quais foram mais difíceis? Por quê?
6. Que parte da experiência desse projeto eu imagino que transformou meu cotidiano (se alguma)? De que maneira?

## PARA CONSULTAR

### Livro

- AMARO, Vagner (org.) *Letra e tinta: dez contos vencedores do Prêmio Malê de Literatura*. São Paulo: Malê Edições, 2016.

Coletânea dos contos vencedores do Prêmio Malê de Literatura (realizado em 2016). Os dez contos retratam, de maneira original e contemporânea, a realidade dos jovens negros no Brasil e mostram aos leitores novos caminhos para pensar o território de luta e afirmação da literatura negra no Brasil.

### Site

- COMO eu escrevo. Disponível em: <<https://comoeucrevo.com/>>. Acesso em: 25 nov. 2019. Criado por José Nunes, o projeto "Como eu escrevo" é composto de uma série de curtas entrevistas com escritores e pesquisadores para mostrar ao público em geral os "bastidores" do processo de escrita.

### Vídeo

- O FIM e o princípio. Direção: Eduardo Coutinho. Brasil, 2006. Documentário. 110 min. Abordando o olhar de alteridade, o documentário traz depoimentos de 86 famílias de uma comunidade rural, o sítio de Araçás, na pequena cidade de São José do Rio do Peixe, no sertão da Paraíba.